Nº 550
De 8 a 21 de março de 2018
Ano 21

 (11) 9.4101-1917 PSTU Nacional www.pstu.org.br @pstu Portal do PSTU

INTERNACIONAL

Síria: sete anos de revolução e guerra

Páginas 12 e 13

CULTURA

Pantera Negra: orgulho negro na tela do cinema

Página 14

ELEIÇÃO

Mulher, negra operária sapateira é a pré-candidata do PSTU

Em entrevista, Vera Lúcia explica porque faz um chamado à rebelião

Páginas 8 e 9

ESPECIAL

ABAIXO A INTERVENÇÃO

INTERVENÇÃO MILITAR DE TEMER NÃO VAI ACABAR COM VIOLÊNCIA

Fernando Frazão / Agência Brasil

páginadois

CHARGE

Falou Besteira

“[Precisamos de] garantia para agir sem o risco de surgir uma nova Comissão da Verdade.”

GENERAL EDUARDO VILLAS BÔAS, deixando explícitas suas intenções com a intervenção militar no Rio de Janeiro. Ele se refere à Comissão da Verdade que investigou casos de tortura e mortes durante o período da ditadura militar.

CAÇA-PALAVRAS

Filmes indicados ao Oscar

U E Ó F L S É Á Q Ã Ô E F É X A Í Ó E E
Ò R Ô Ó Ç Í C Â T D É V C L B D Á D O E
T Õ Ó E L Õ M D R A G M T U Q U Ô Â Ò L
T S É Ú Ô Ü X K Â Ã M F F T J N G Ò O D
A Ç À R R J T Ê W É Ó A E À A K O H O P
Ç Â R C Q Ã G Ü Á Ò N T Ü S U I R Ó Á S
É V X G T M Q Ü S N Í H M W G R Ó Ó Ç I
T É M H Ò M N Í N E D Ê G Õ A K Â H À L
U Á Ã Z Ü P É Z B T P Í W R A Õ C X Í N
Ô Õ L Ó U G F R Ã F N T T P D Á Ô Q A Q
R Ô U J Ã T Q Â E X F À U Á A B Í Ó À Á
H Á Ô K L I T N G Í J Ú Ç P R H Q Ê U Q
À M A À B Í Ç D G Q E Q U Ã O O N U Ã S
X T R A M A F A N T A S M A F H W É Ô É
N Q A Â Ó D J V Q Ü R Q Z M A Ú F P Ó Ô
G Z E L J Ô N Õ Ú U R K B Á Ç Ò Ü J E W
Ò S Z M V Ò B O Ü J O J Í C U À Õ R U F
J V Ç Ú Ò G W Q Z U C G Õ S A R H T Q D
S X K I Q A Â Ú J H Z Ò Á Ô V G X V À I
M Ê Z S V À Ü Ü Ú B Ç Â K B Ã U J À D Í

RESPOSTA: Dunkirk, Corra, A forma da água, Trama Fantasma

Os donos do crédito

Os quatro maiores bancos do Brasil concentram 75% dos empréstimos no país segundo reportagem do Jornal do Brasil. Esses bancos são controlados por apenas seis famílias que, a despeito da crise econômica, lucraram R$ 53,9 bilhões em 2017, ou seja, mais de 10% em relação ao ano anterior. Itaú, controlado pelas famílias Setúbal, Villela e Moreira Salles; Bradesco, que tem entre os acionistas Denise Aguiar Alvarez, neta do fundador Amador Aguiar; Santander, controlado por Ana Botin; e o banco Safra, de Joseph Safra; eles faturaram bilhões com as gigantescas taxas de juros praticadas pelo Brasil, a tal da taxa Selic, hoje em 28,9%. Essa turma vive da desgraça dos trabalhadores, do seu endividamento e do país. Em 2017, os juros dos cartões de crédito fecharam o ano em 240,7% – muito superior à taxa de juros estipulada pelo próprio banco Central. Qual a razão de o país ter uma taxa de juros tão elevada? A imprensa e o governo Temer dizem que é para conter a inflação, mas, na verdade, o objetivo é favorecer os banqueiros e os especuladores que detêm os títulos da dívida pública. Quanto maior os juros, mais esses especuladores vão faturar. É por isso que o governo destina, anualmente, metade do orçamento (incluindo saúde e educação) ao pagamento desses juros aos especuladores. Essa dívida é igual àquela do cartão de crédito: quanto mais você paga, mais endividado fica.

Golaço de Casagrande

Deu o que falar. Tiago Leifert, apresentador da TV Globo, escreveu um artigo na revista GQ defendendo que “evento esportivo não é lugar de manifestação política”. Segundo ele, “quando política e esporte se misturam, dá ruim”. A opinião do apresentador foi logo rebatida por internautas, jornalistas esportivos e ex-jogadores. Entre eles, Walter Casagrande, o Casão, ex-jogador de futebol e hoje comentarista da TV Globo. Seu texto contraria o posicionamento de Leifert e recorda que a posição do apresentador ignora completamente todos os episódios de luta e resistência que atravessaram os esportes. *“Foi isso que Tommie Smith e John Carlos, ao repetir o gesto consagrado pelos Panteras Negras, fizeram durante os Jogos Olímpicos do México, em 1968, ao mostrar o quão urgente era a discussão sobre o racismo. Muhammad Ali, o maior boxeador de todos os tempos, negou-se a combater no Vietnã justamente por saber o valor que a decisão de um ídolo do esporte teria em torno do debate da guerra. Mais recentemente, atletas da NBA demostraram grande insatisfação com o governo de Donald Trump. Jogadores de futebol americano foram na mesma linha e muitos passaram a se ajoelhar durante a execução do hino nacional.”* Em outro trecho, Casão recorda que, ao lado do inesquecível Sócrates, deu início à Democracia Corintiana, um movimento político contra a ditadura militar, e participou do movimento “Diretas Já!”:*“Eu tenho orgulho de ter participado, em 1979, de um show a favor da anistia aos presos políticos. Também me orgulho de, em 1982, ter feito um show para pedir a redemocratização do país. Eu tenho orgulho de ter participado do movimento das Diretas Já. E tudo isso enquanto era atleta profissional, jogador do Corinthians. Por que hoje eu não poderia fazer isso? Quem proíbe o jogador de participar disso está, indiretamente, apoiando ideias reacionárias.”*. Gol de placa.

Expediente

Opinião Socialista é uma publicação quinzenal do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado
CNPJ 73.282.907/0001-64 – Atividade Principal 91.92-8-00

JORNALISTA RESPOSÁVEL Mariúcha Fontana (MTb 14.555)

REDAÇÃO Diego Cruz, Jeferson Choma, Luciana Candido, Romerito Pontes

DIAGRAMAÇÃO Romerito Pontes e Victor Bud

IMPRESSÃO Gráfica Mar Mar

CONTATO

FALE CONOSCO VIA **WhatsApp**

Fale direto com a gente e mande suas denúncias e sugestões de pauta

(11) 9.4101-1917

opiniao@pstu.org.br

Av. Nove de Julho, 925, Bela Vista
São Paulo (SP) – CEP 01313-000

NOSSAS SEDES

NACIONAL
Av. 9 de Julho, Nº 925
Bela Vista - São Paulo (SP)
CEP 01313-000 | Tel. (11) 5581-5776
www.pstu.org.br
www.litci.org
pstu@pstu.org.br

ALAGOAS
MACEIÓ | Tel. (82) 9.8827-8024

AMAPÁ
MACAPÁ | Av. Alexandre Ferreira da Silva, Nº 2054. Novo Horizonte
Tel. (96) 9.9180-5870

AMAZONAS
MANAUS | R. Manicoré, Nº 34. Cachoeirinha. CEP 69065-100
Tel. (92) 9.9114-8251

BAHIA
ALAGOINHAS | R. Dr. João Dantas, Nº 21. Santa Terezinha
Tel. (75) 9.9130-7207
ITABUNA | Tel. (73) 9.9196-6522
(73) 9.8861-3033
SALVADOR | (71) 9.9133-7114
www.facebook.com/pstubahia

CEARÁ
FORTALEZA | Rua Juvenal Galeno, Nº710, Benfica. Tel.: (85) 9772-4701
IGUATU | R. Ésio Amaral, Nº 27. Jardim Iguatu. Tel. (88) 9.9713-0529

DISTRITO FEDERAL
BRASÍLIA | SCS Quadra 6, Bloco A, Ed. Carioca, sala 215, Asa Sul.
Tel. (61) 3226.1016 / (61) 9.8266-0255
(61) 9.9619-3323

ESPÍRITO SANTO
VITÓRIA | Tel. (27) 9.9876-3716
(27) 9.8158-3498
pstuvitoria@gmail.com

GOIÁS
GOIÂNIA | Tel. (62) 3278.2251
(62) 9.9977-7358

MARANHÃO
SÃO LUÍS | R. dos Prazeres, Nº 379. Centro
(98) 9.8847-4701

MATO GROSSO DO SUL
CAMPO GRANDE | R. Brasilândia, Nº 581
Bairro Tiradentes.
Tel. (67) 9.9989-2345 / (67) 9.9213-8528
TRÊS LAGOAS | R. Paranaíba, Nº 2350. Primaveril
Tel. (67) 3521.5864 / (67) 9.9160-3028
(67) 9.8115-1395

MINAS GERAIS
BELO HORIZONTE | R. dos Goitacazes, Nº 103, sala 1604. Centro.
CEP: 30190-910
Tel. (31) 3879-1817 / (31) 8482-6693
pstubh@gmail.com
CONGONHAS | R. Magalhães Pinto, Nº 26A. Centro.
www.facebook.com/pstucongonhasmg
CONTAGEM | Av. Jose Faria da Rocha, Nº5506. Eldorado
Tel: (31) 2559-0724 / (31) 98482.6693
ITAJUBÁ | R. Renó Junior, Nº 88. Medicina.
Tel. (35) 9.8405-0010
JUIZ DE FORA | Av. Barão do Rio Branco, Nº 1310. Centro (ao lado do Hemominas)
Tel. (32) 9.8412-7554
pstu16juizdefora@gmail.com
MARIANA | R. Monsenhor Horta, Nº 50A, Rosário.
www.facebook.com/pstu.mariana.mg
MONTE CARMELO | Av. Dona Clara, Nº 238, Apto. 01, Sala 3. Centro.
Tel. (34) 9.9935-4265 / (34) 9227.5971
PATROCÍNIO| R. Quintiliano Alves, Nº 575. Centro.
Tel. (34) 3832-4436 / (34) 9.8806-3113
SÃO JOÃO DEL REI | R. Dr. Jorge Bolcherville, Nº 117 A. Matosinhos.
Tel. (32) 8849-4097
pstusjdr@yahoo.com.br
UBERABA | R. Tristão de Castro, Nº127. Centro.
Tel. (34) 3312-5629 / (34) 9.9995-5499
UBERLÂNDIA | R. Prof. Benedito Marra da Fonseca, Nº 558 (frente).
Luizote de Freitas.
Tel. (34) 3214.0858 / (34) 9.9294-4324

PARÁ
BELÉM | Travessa das Mercês, Nº391, Bairro de São Bráz (entre Almirante Barroso e 25 de setembro).

PARAÍBA
JOÃO PESSOA | Av. Apolônio Nobrega, Nº 117. Castelo Branco
Tel. (83) 3243-6016

PARANÁ
CURITIBA | Tel. (44) 9.9828-7874
(41) 9.9823-7555
CRICIÚMA | Tel. (48) 9.8456-9092
pstucriciuma16@gmail.com
www.facebook.com/pstucriciumaoficial
MARINGÁ | Tel. (41) 9.9951-1604

PERNAMBUCO
REFICE | R. do Sossego, Nº 220, Térreo.
Boa Vista. Tel: (81) 3039.2549

PIAUÍ
TERESINA | R. Desembargador Freitas, Nº 1849. Centro. Tel: (86) 9976-1400
www. pstupiaui.blogspot.com

RIO DE JANEIRO
CAMPOS e MACAÉ |
Tel. (22) 9.8143-6171
DUQUE DE CAXIAS | Av. Brigadeiro Lima e Silva, Nº 2048, sala 404. Centro.
Tel. (21) 9.6942-7679
MADUREIRA | Tel. (21) 9.8260-8649
NITERÓI | Av. Amaral Peixoto, Nº 55, sala 1001. Centro. Tel. (21) 9.8249-9991
NOVA FRIBURGO | R. Guarani, Nº 62. Centro. Tel. (22) 9.9795-1616
NOVA IGUAÇU | R. Barros Júnior, Nº 546. Centro. Tel. (21) 9.6942-7679
RIO DE JANEIRO | R. da Lapa, Nº 155. Centro. Tel. (21) 2232.9458
riodejaneiro@pstu.org.br
www.rio.pstu.org.br
SÃO GONÇALO | R. Valdemar José Ribeiro, Nº107, casa 8. Alcântara.
VOLTA REDONDA | R. Neme Felipe, Nº 43, sala 202. Aterrado.
Tel. (24) 9.9816-8304

RIO GRANDE DO NORTE
MOSSORÓ | R. Dr. Amaury, Nº 72. Alto de São Manuel. Tel. (84) 9-8809.4216
NATAL | R. Princesa Isabel, Nº 749. Cidade Alta. Tel. (84) 2020-1290
(84) 9.8783-3547 [Oi]
(84) 9.9801-7130 [Tim]

RIO GRANDE DO SUL
ALVORADA | Tel. (51) 9.9267-8817
CANOAS e VALE DOS SINOS |
Tel. (51) 9871-8965
GRAVATAÍ | Tel. (51) 9.8560-1842
PASSO FUNDO | Av. Presidente Vargas, Nº 432, Sala 20 B. Tel. (54) 9.9993-7180
pstupassofundo16@gmail.com
PORTO ALEGRE | R. Luis Afonso, Nº 743. Cidade Baixa. Tel. (51) 3024-3486
(51) 3024-3409 / (51) 9871.8965
pstugaucho.blogspot.com
SANTA CRUZ DO SUL| Tel. (51) 9.9807-1722
SANTA MARIA | (55) 9.9925-1917
pstusm@gmail.com

RORAIMA
BOA VISTA | Tel. (95) 9.9169-3557

SANTA CATARINA
BLUMENAU | Tel. (47) 9.8726-4586
CRICIÚMA | Tel. (48) 9.9614-8489
FLORIANÓPOLIS | R. Monsenhor Topp, Nº17, 2º andar. Centro.
Tel: (48) 3225-6831 / (48) 9611-6073
florianopolispstu@gmail.com
JOINVILLE | Tel. (47) 9.9933-0393
pstu.joinville@gmail.com
www.facebook.com/pstujoinville

SÃO PAULO
ABC | R. Odeon, Nº 19. Centro (atrás do Term. Ferrazópolis). Tel. (11) 4317-4216
(11) 9.6733-9936
BAURU | R. 1º de Agosto, Nº 447, sala 503D. Centro. Tel. (14) 9.9107-1272
CAMPINAS | Av. Armando Mário Tozzi, Nº 205. Jd. Metanopolis.
Tel. (19) 9.8270-1377
www.facebook.com/pstucampinas;
www.pstucampinas.org.br
DIADEMA | Rua Alvarenga Peixoto, 15 Jd. Marilene. Tel. (11)942129558
(11)967339936
GUARULHOS | Tel. (11) 9.7437-3871
MARÍLIA| Tel. (14) 9.8808-0372
OSASCO| Tel. (11) 9.9899-2131
SANTOS| R. Silva Jardim, Nº 343, sala 23. Vila Matias.
Tel. (13) 9.8188-8057 / (11) 9.6607-8117
SÃO CARLOS| (16) 3413-8698
SÃO PAULO (Centro)| Praça da Sé, Nº 31. Centro. Tel. (11) 3313-5604
SÃO PAULO (Leste - São Miguel)| R. Henrique de Paula França, Nº 136. São Miguel Paulista
SÃO PAULO (Oeste - Lapa)| R. Alves Branco, Nº 65. Tel. (11) 9.8688.7358
SÃO PAULO (Oeste - Brasilândia)| R. Paulo Garcia Aquiline, Nº 201.
Tel. (11) 9.5435-6515
SÃO PAULO (Sul - Capão Redondo)| R. Miguel Auza, Nº 59. Tel: (11) 9.4041-2992
SÃO PAULO (Sul - Grajaú)| R. Louis Daquin, Nº 32.
SÃO CARLOS| Tel. (16) 9.9712-7367
S. JOSÉ DO RIO PRETO| Tel. (16) 9.8152-9826
SÃO JOSÉ DOS CAMPOS| R. Romeu Carnevalli, Nº63, Piso 1. Bela Vista.
(12) 3941-2845 / pstusjc@uol.com.br

SERGIPE
ARACAJU| R. Propriá, Nº 479. Centro.
CEP 49010-020. Tel. (79) 3251-3530
(79) 9.9919-5038

A intervenção no Rio, Temer na margem de erro e a necessidade da defesa do socialismo e da revolução

Os motivos de Temer e de sua quadrilha para intervir no Rio de Janeiro foram vários. O primeiro, sem dúvida, é a busca por um caminho para manter seu foro privilegiado e de seus protegidos (entre eles, Moreira Franco) depois que terminar seu mandato. Ao não conseguir aprovar a reforma da Previdência, o fim de sua utilidade para os de cima somou-se ao seu recorde de impopularidade entre os de baixo, o que arrasta sua fraqueza até o final do mandato, podendo ser preso logo depois.

Então, Temer resolveu dar um golpe de mestre decretando a intervenção. Uma forma de responder à aflição popular por segurança e tentar ganhar alguns pontos de popularidade.

Porém nem as circunstâncias, nem as consequências dessa intervenção se limitam a esses motivos oportunistas e eleitoreiros do vampiro neoliberalista. Ele decreta a medida apesar de sua fragilidade, dos motivos eleitoreiros e da enorme divisão interburguesa porque há uma imensa crise.

A despeito de a Rede Globo ter amplificado os dados da violência no carnaval, é fato que a questão da segurança é gravíssima em todo o país. No Rio, há agravantes. O estado está quebrado e em estado de calamidade pública, fato reconhecido pelo governo federal. A crise social é das maiores do país, e há uma situação de desgoverno e de colapso do Estado burguês. O governo estadual perdeu o controle das Forças Armadas do estado. Não só pela crônica infiltração do tráfico e das milícias, mas também pelo ajuste neoliberal e o não pagamento de salários. É preciso lembrar da ocupação da Assembleia Legislativa pelas polícias e pelos bombeiros em 2017.

A burguesia teme uma rebelião social. Tem medo que o morro resolva descer sem que tenha uma ação de repressão que dê conta do controle social e do enfrentamento. O governador Pezão, que já era a imagem do desgoverno, agora, de fato, governa quase nada, mas também mantém foro privilegiado. Ele é da mesma turma e do mesmo partido que Temer, Cunha, Cabral e Cia.

Embora a medida tenha motivos eleitoreiros de um governo fraco e mambembe, não quer dizer que não seja autoritária e grave. Essa é uma medida de exceção. Uma intervenção federal nos estados não é parte da normalidade burguesa, retirando das mãos do governador todo poder sobre a segurança (ainda que tenha sido em comum acordo com ele) e, principalmente, entregando-o nas mãos dos militares.

É grave, também, entregar a chefia do ministério da Defesa a um militar. Fatos como esses não ocorrem desde o fim da ditadura. Isso merece repúdio e alerta do movimento dos trabalhadores, pois se aumenta o uso da força e do autoritarismo para usá-los no controle social e contra as lutas.

Aliás, o PT, que bradou tanto contra o impeachment (uma medida democrático-burguesa normal de revogabilidade de mandato), absteve-se no Conselho da República perante uma medida de exceção real (apesar de bastante inferior a um Estado de sítio ou de emergência).

Os governos do PT, começaram a dar mais protagonismo às Forças Armadas para repressão interna. A intervenção no Rio, decretada por Temer, é um novo avanço nesse sentido. Mas é também um sintoma de aprofundamento da crise, mostrando que cresce a polarização na luta de classes.

A intervenção é vista com ceticismo pela população, que, de início até apoia, porque, diante da imensa violência, acha que algo precisa ser feito. No entanto, como nas intervenções militares anteriores, isso não vai resolver nada. O mais provável é que, em breve, esse apoio vire fumaça, e que o tremendo desgaste do Executivo, Legislativo e Judiciário se junte ao desgaste das Forças Armadas.

Como era de se esperar, o golpe de mestre do vampiro neoliberalista não foi capaz de melhorar sua popularidade. Segundo pesquisa CNT/MDA, realizada depois da intervenção, está em 4,3%, ou seja, na margem de erro.

É preciso combater a intervenção, organizar a luta e a autodefesa e apresentar um programa socialista contra a violência e o desemprego.

Como diz a proposta de manifesto que está sendo debatida em todo o país por ativistas nas fábricas, nas obras da construção civil, nas favelas e ocupações por moradia, nas escolas, nas batalhas do hip hop, é hora de propor e defender: um chamado à Rebelião e um projeto socialista!

MULHERES

Basta de violência machista e mortes de mulheres trabalhadoras

ÉRIKA ANDREASSY, DE SÃO PAULO (SP), E RAQUEL DE PAULA, DE SÃO JOSÉ DOS CAMPOS (SP)

Parecia um sábado como outro qualquer. Com o varal repleto de roupa e lutando para terminar a faxina do fim de semana, nenhuma das mulheres da comunidade poderia esperar pela tragédia que se abateria sobre nós. A Mila, ou "Nega", como era chamada, mulher alegre e cheia de vida, com o apoio da mãe e das irmãs, decidiu dar um basta a um casamento de duas décadas marcado por humilhações e agressões constantes. Mila, porém, tornou-se mais uma vítima da violência e do machismo. Naquela tarde de sábado, 24 de fevereiro, aos 39 anos, Mila foi assassinada pelo ex-companheiro e pai de seus três filhos.

O caso de Mila poderia ser uma exceção. Infelizmente não é. No mundo todo, a violência contra as mulheres faz cada vez mais vítimas. Estima-se que uma em cada três mulheres já sofreu violência física ou sexual, e, a cada dez minutos, um feminicídio é registrado.

O Brasil é o quinto colocado no ranking de feminicídios, com uma morte a cada duas horas. Isso não é tudo: dez mulheres são espancadas por minuto no país, e, a cada hora, 503 são vítimas de algum tipo de agressão. Sem falar nos estupros, assédios, no turismo sexual, entre outros tipos de violência, e nos assassinatos de mulheres trans, que, embora não entrem nessas estatísticas, devem ser reconhecidos por nós como parte dessa realidade.

LUTAR CONTRA O MACHISMO

Para unir a classe e derrotar o capitalismo

A violência contra as mulheres é resultado da ideologia machista, que considera a mulher como ser inferior e propriedade do homem. Essa ideologia, por sua vez, é alimentada e estimulada pelo capitalismo, que se utiliza do machismo e da opressão da mulher para dividir a classe trabalhadora e superexplorar metade dela, aumentando assim seus lucros. É por isso que as campanhas do imperialismo e da burguesia contra a violência e o machismo não passam de uma enorme hipocrisia, pois se calam diante desse fato da realidade.

É impossível acabar com o machismo sem destruir as bases sobre as quais essa ideologia se levanta. Só a derrota do capitalismo pela classe trabalhadora pode assegurar as condições para uma verdadeira emancipação. Porém, para que a classe acabe de vez com a exploração e o capitalismo, ela necessita estar unida. Isso significa lutar com todas as forças contra o machismo e a violência às mulheres, combatendo todos os preconceitos e ideologias que inferiorizam a mulher. A luta contra o machismo deve ser tomada por toda a classe trabalhadora, mulheres e homens, como parte de seu programa de luta contra a burguesia.

RACISMO E MACHISMO

A cor do feminicídio no Brasil

As mulheres negras e pobres da periferia são as que mais sofrem com a violência e o machismo. Ananindeua, no Pará, é a cidade que concentra o maior número de feminicídios no país e a sétima na América Latina e Caribe; 89% das vítimas são negras. Entre 2003 e 2013, durante os governos do PT, enquanto os feminicídios caíram 7,5% entre as mulheres brancas, cresceram 54% entre as negras. É a combinação entre racismo e machismo tingindo com o sangue das mulheres negras os números da violência de gênero.

O desemprego e o subemprego, os baixos salários e a falta de creches para deixar os filhos e poder trabalhar são enormes obstáculos para que muitas mulheres trabalhadoras possam romper com a violência doméstica. Mesmo as que conseguem se separar de maridos ou companheiros agressores, como Mila, não contam com uma rede de apoio por parte do Estado e medidas que protejam suas vidas.

Pelo contrário, em muitos casos, o Estado é o agente direito da violência contra mulheres e do racismo. É o caso de Claudia Silva Ferreira, morta pela PM e arrastada pelas ruas do Rio de Janeiro por um camburão. Ou de Marisa Carvalho da Nóbrega, morta após receber uma coronhada de fuzil na cabeça quando defendia o filho de 17 anos da polícia.

CUMPLICIDADE DOS GOVERNOS E DA JUSTIÇA

Assassino de Eliza Samudio é solto

Entre 2014 e 2016, ainda sob o governo Dilma (PT), os investimentos em políticas de enfrentamento à violência caíram 40%. Já com Temer (PMDB), o corte foi de 52% em 2017. Para este ano, a expectativa é que a redução seja ainda maior, 74%.

A Justiça, por sua vez, resolveu dar uma mãozinha para a impunidade aos feminicídios. Numa decisão que até parece provocação, o Tribunal de Justiça de Minas Gerais concedeu prisão domiciliar para Macarrão, condenado a 15 anos de prisão, em 2012, pelo assassinato de Eliza Samudio. Com essa medida, Macarrão vai poder gozar em casa os anos que faltam para terminar de cumprir sua pena.

A CULPA É DO CAPITALISMO

A situação melhorou? Só se for a dos bancos e dos grandes empresários

Crescimento alardeado pelo governo e pela imprensa só é sentido nos bolsos da burguesia

DIEGO CRUZ
DA REDAÇÃO

No início de março, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgou o resultado do Produto Interno Bruto (PIB) de 2017, um aumento de 1%. O PIB é a soma de todas as riquezas produzidas pelo país durante determinado período. O resultado foi muito comemorado pelo governo e por grande parte da imprensa, que decretaram: estamos saindo da crise, a recessão ficou para trás e agora tudo vai melhorar. Será isso mesmo?

Na vida real dos trabalhadores e da grande maioria da população, a palavra crise não saiu do cotidiano. Desemprego, trabalho precário, inflação, violência e caos nos serviços públicos traduzem a verdadeira guerra social em que estamos metidos. O exemplo mais nítido da falência do Estado é o próprio Rio de Janeiro. De onde o governo tira esses números para nos convencer de que as coisas estariam, enfim, melhorando?

ALÍVIO PARA BANQUEIROS E LATIFUNDIÁRIOS

No acumulado do ano, o resultado do PIB de 2017 foi puxado pelo setor agropecuário, que subiu 13%. É o que chamam de supersafra, um recorde na produção principalmente de milho e soja, bombado em grande parte por conta da seca na Argentina e do clima favorável no Brasil. Com a produção recorde, os preços deveriam baixar, certo?

Mas, se você não percebeu isso no supermercado, é porque vai tudo para exportação.

Agora vamos ver outros fatores desse PIB. A indústria, embora tantos avisos de que finalmente engrenaria, ficou no zero a zero. A construção civil, porém, caiu 5%. O consumo das famílias, por sua vez, cresceu 1%, em grande parte impulsionado pela liberação do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS), dinheiro do próprio trabalhador que despejou R$ 44 bilhões na economia entre março e julho. É um dinheiro que deu um respiro momentâneo para muitas famílias, mas que não vai voltar.

Para analisarmos a dinâmica da economia, ou seja, para onde ela vai, um dos elementos mais importantes para se ver é a taxa de investimentos. É quanto de dinheiro está sendo colocado para ampliar as fábricas, comprar máquinas etc. Pois bem, em 2017 ela caiu 1,8%. O resultado total, de 15,6% (de toda a riqueza produzida no período, isso foi o que se reverteu em investimento), é simplesmente o pior desde 1996, quando esse índice começou a ser levantado.

O que isso significa? Embora tecnicamente a economia tenha saído da recessão no finalzinho de 2016, ela não vai deslanchar no próximo período como o governo e boa parte da imprensa tentam fazer crer. Só para se ter uma ideia, o PIB caiu 8,6% entre 2014 e 2016, no que está sendo considerada a pior recessão da história. Ou seja, chegamos ao fundo do poço e estamos andando nele. Porém com uma economia mais desnacionalizada, mais dependente do mercado internacional, leia-se do imperialismo, aprofundando seu caráter agroexportador e sem uma corda de salvação à vista.

Para os trabalhadores, a tal retomada se traduz em desemprego, reforma trabalhista, redução nos salários, ou seja, num patamar de exploração bem maior que antes.

A farra dos lucros dos banqueiros

Se na tabela do Jornal Nacional vemos a economia crescer, na vida real da grande maioria da população, aprofundam-se o desemprego e a miséria. Situação diferente das multinacionais, que lucram com as exportações de grãos e, sobretudo, os grandes banqueiros, que lucram com a crise e cravam recordes em seus balancetes.

Os quatro maiores bancos do país, Banco do Brasil, Bradesco, Itaú e Santander lucraram juntos R$ 65 bilhões, crescimento de 21%. O banco espanhol teve simplesmente o melhor resultado de sua história no Brasil. As coisas estão melhorando? Estão, para os banqueiros e para os grandes empresários.

Mais pessoas desempregadas, e por mais tempo

Outro dado divulgado pelo IBGE dá conta do tamanho do desemprego no país. Segundo o instituto, quando 2017 terminou, 26,5 milhões de pessoas estavam sem emprego. É o que mostra o índice de subutilização da força de trabalho. Ao contrário do simples critério de desemprego utilizado pelo órgão, que leva em conta só quem não tem trabalho, mas procurou no período, esse índice conta as pessoas que trabalharam menos de 40 horas semanais e a força de trabalho potencial, que são as pessoas que estão disponíveis para trabalhar.

Mesmo esse número, no entanto, não dá conta do total de desempregados, pois desconsidera, por exemplo, o desalento (as pessoas que já desistiram de procurar emprego) e são consideradas inativas. Segundo o próprio IBGE, em 2017, o número de pessoas que caíram no desalento foi de 4,3 milhões, maior número desde 2012.

Além dos milhões de trabalhadores sem emprego, a crise está mudando o perfil do desemprego, elevando o chamado desemprego de longa duração. Mais de 5 milhões de pessoas chegaram ao final de 2017 desempregadas há um ano ou mais. Crescimento de 130% nos últimos três anos. O número de trabalhadores desempregados há mais de um ano cresceu 5% em relação ao ano anterior. Desses 54,1% são jovens de 14 a 29 anos de idade.

POLÊMICA

Sobre a pré-candidatura de Gu

BERNARDO CERDEIRA
DE SÃO PAULO (SP)

Guilherme Boulos, coordenador nacional do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST) e da Frente Povo Sem Medo, lançou, no dia 3 de março, num ato intitulado Conferência Cidadã, sua pré-candidatura à presidente do país. Intelectuais e artistas como Caetano Veloso, Maria Gadú, Paula Lavigne, Laerte, Frei Betto e deputados do PSOL, como Marcelo Freixo e Ivan Valente, marcaram presença. Lula e Tarso Genro (PT) mandaram vídeos de saudação. No dia 5, Boulos se filiou ao PSOL num evento prestigiado pela direção do partido, e, no dia 10, a convenção eleitoral do partido deverá sacramentar sua candidatura.

O lançamento gerou reações públicas de insatisfação e críticas duras de militantes e dirigentes do PSOL. Plínio Sampaio Jr., também pré-candidato a presidente pelo PSOL, declarou: *"O lançamento da candidatura de Guilherme Boulos à Presidência da República por fora das instâncias partidárias constitui um absoluto desrespeito à democracia do PSOL. A esdrúxula participação de Lula na Conferência Cidadã, abençoando a candidatura de Boulos, representa um atentado à história de um partido que nasceu exatamente como uma crítica ao lulismo."* Plínio promete lutar até as últimas consequências para que o PSOL não se transforme numa sublegenda do PT.

Guilherme Boulos, do MTST, no lançamento de sua pré-candidatura (FOTO: Mídia Ninja).

UM ABRAÇO DE URSO NO CANDIDATO E NO PARTIDO

A preocupação da esquerda do PSOL é justa, mas é um pouco atrasada. A pré-candidatura Boulos já reflete uma adaptação profunda do PSOL ao PT. Mais ainda, a própria candidatura Boulos não é contraditória com o plano elaborado por Lula e pelo PT para atrair, atar e subordinar toda a esquerda a uma suposta unidade de política contra o que chamam de golpe e o retrocesso. Unidade essa que teria o PT como eixo.

Mesmo assim, é preciso assinalar que a declaração de Lula realmente é inusitada e escandalosa: o presidente e pré-candidato de um partido (do PT) elogia, felicita, abençoa a candidatura de outro pré-candidato de outro partido (do PSOL). Entre outras coisas, Lula diz a Boulos: *"Você sabe o quanto eu te respeito, o quanto gosto de você pessoalmente e quanto acho você uma pessoa de muito futuro na política. Jamais vou pedir para você não ser candidato."*

O deputado Ivan Valente tentou desmentir: *"O Lula não validou nada na candidatura do Boulos. Boulos não entrou no PSOL com o aval do Lula, o aval foi do PSOL. O Lula tem apenas uma relação boa com o Boulos."* Não convenceu. Os fatos falam por si. A simples existência do vídeo e sua divulgação no lançamento é um fato irrefutável. Por que Lula enviou o vídeo? E por que Boulos fez questão de que a fala de Lula tivesse um lugar de destaque no evento?

A resposta é simples: Boulos tem uma ligação profunda e umbilical com Lula e com o PT, que vem dos tempos dos governos petistas e das relações do MTST com o programa Minha Casa, Minha Vida. Com a plataforma *"Vamos sem medo de mudar o Brasil"*, Boulos buscou ser uma ponte entre o PSOL e um setor do PT. E, agora, com sua candidatura a presidente, ambiciona projetar-se como figura política nacional usando o PSOL. Ao mesmo tempo, amarra ainda mais a política e a atuação desse partido ao PT. Mas, para sermos justos, a capitulação do PSOL ao PT, sua transformação em sublegenda, não vem de agora nem pode ser creditada a Boulos.

APROXIMAÇÃO

O PT domestica o PSOL

Desde o seu surgimento como uma ruptura crítica com o PT, o PSOL se limitou a um projeto de partido eleitoral, reformista e de conciliação de classes. Nesse sentido, apesar das diferenças políticas, os projetos partidários eram semelhantes, ainda que, ao contrário do PT, o PSOL nunca tenha chegado a ter base no movimento dos trabalhadores, nos sindicatos ou nos movimentos sociais. Contudo, pelo menos em seus primeiros anos de existência, o PSOL foi oposição aos governos de Lula e de Dilma e a muitas medidas contra os trabalhadores que ambos aplicaram.

Desde o segundo turno das eleições de 2014, no entanto, quando os parlamentares e a maioria da direção apoiaram Dilma, a postura oposicionista do partido acabou. Com o impeachment, a direção do PSOL e a maioria das suas correntes internas incorporaram o discurso do suposto golpe parlamentar e se somaram às mobilizações que, sob a máscara da defesa da democracia, saíram às ruas em defesa do governo Dilma. Mais tarde, participaram da fracassada e fugaz frente das "Diretas Já" e defenderam o direito de Lula a ser candidato. Em tudo e por tudo, posições idênticas às do PT.

A razão é simples. Quando o PT, que serviu fielmente à burguesia durante 14 anos, foi tirado do governo por essa mesma burguesia e atirado num canto como um trapo sujo sem serventia, descobriu de repente que precisava da esquerda que vivia à sua sombra. Vieram, então, as propostas de unidade contra o golpe, em defesa da democracia, frente ampla etc. Não se pode dizer que o PSOL aderiu contrariado.

O presidente do PSOL, Juliano Medeiros, explicou nitidamente essa mudança em entrevista no dia da filiação de Boulos: *"O contexto atual é muito diferente, no qual o governo que hoje governa o país é ilegítimo, fruto de um golpe parlamentar, e o PT faz parte da oposição a esse governo. Não é possível ter uma relação com o PT idêntica à que tínhamos 15 anos atrás. O que não significa que vamos assumir qualquer discurso de adesão. Mantemos nossa autonomia, mas vamos buscar entendimentos com o PT."*

ilherme Boulos à Presidência

O que Medeiros não diz (conscientemente, já que ele não é um novato) é que a política e o projeto do PT de hoje em dia continuam sendo os mesmos de quando estava no governo. Isso quer dizer: fazer alianças com todos os políticos de direita que estiverem dispostos a isso (golpistas ou não) para chegar de novo ao governo. Se chegar, governar para os banqueiros, as empreiteiras e o agronegócio como fez durante 14 anos. E, por meio dessas alianças carnais com empresários, seus dirigentes se beneficiarão de novo do sistema de corrupção do Estado brasileiro. Para os trabalhadores e o povo, sobram algumas migalhas, como o Bolsa Família.

Ou seja, o PT não mudou nada. Mudaram as circunstâncias: antes, estava no governo e, agora, não. Para a esquerda verdadeiramente socialista, só é lícito fazer unidade com o PT na ação, na luta. Por exemplo, se decidirem se mobilizar contra o governo Temer e suas medidas. Mas, nada justifica uma aproximação política se há projetos opostos. O problema é que o PSOL, ainda que queira se apresentar como uma alternativa de esquerda ao PT, tem um projeto e um programa muito semelhantes.

A candidatura Boulos, com o aval de Lula, é a pá de cal no processo de adaptação do PSOL ao PT como uma organização satélite. Desde o princípio, anuncia-se como uma candidatura não classista, de luta contra o golpe e o retrocesso e com um programa, definido pela plataforma Vamos, que se limita a propor reformas no capitalismo e na democracia burguesa.

ARMADILHA

O projeto da Frente Ampla

Lula em vídeo gravado para o lançamento da pré-candidatura de Boulos (FOTO: Mídia Ninja).

A fala de Lula no lançamento da candidatura de Boulos é clara: convida Boulos e Manuela D'Ávila (pré-candidata à presidência pelo PCdoB) a irem em seus comícios e diz que está disposto a comparecer aos comícios de ambos. É a reafirmação da Frente Ampla, velho projeto de Lula e do PT construído na campanha eleitoral.

A Frente Ampla, que vem sendo discutida desde o impeachment, tem como objetivo amarrar a esquerda e os movimentos sociais que vinham esboçando críticas ao PT a um projeto burguês de aliança de classes. Essa aliança veio avançando com a criação das Frentes Brasil Popular e Povo Sem Medo; as frentes parlamentares; e, depois, um programa mínimo comum que unisse os candidatos no segundo turno.

Em fevereiro, as fundações partidárias do PT, do PCdoB, do PDT, do PSB e do PSOL lançaram o "Manifesto Unidade para Reconstruir o Brasil", no qual declaram ter avançado na elaboração de *"uma base programática convergente (...) [que] construa a união de amplas forças políticas, sociais, econômicas e culturais (...) capaz de retirar o país da crise e encaminhá-lo a um novo ciclo político de democracia, de soberania nacional e de prosperidade econômica e progresso social"*.

O objetivo é garantir que haja uma unidade da esquerda no segundo turno para apoiar Lula ou, na hipótese que este não possa concorrer, o candidato do PT indicado por ele. E, eventualmente, garantir o apoio a um governo progressista.

O QUE FAZER?

O dilema da esquerda do PSOL

Tudo indica que a convenção eleitoral do PSOL ratificará o nome de Boulos, enfiando goela abaixo dos setores de esquerda um candidato que, além dos seus vínculos com o PT, filiou-se ao partido uma semana antes da convenção.

Antes e durante a convenção, as correntes de esquerda e os outros pré-candidatos, como Plínio e Nildo Ouriques, intensificarão seus protestos contra a candidatura Boulos, seu programa e o atropelo que candidatos, correntes e militantes do PSOL vêm sofrendo. Mas a esquerda do PSOL não mudará o resultado da convenção.

Sendo assim, o verdadeiro dilema virá depois. O que fará a esquerda do PSOL? Vai se curvar, aceitar fazer campanha para Boulos, que representa o oposto do que vem defendendo? Ou rebelar-se? O problema é que a rebelião implica em reconhecer o verdadeiro caráter atual do PSOL e atuar em consequência.

DOIS PROJETOS OPOSTOS

Todo esse debate em torno da pré-candidatura Boulos, sua relação com o PT, seu caráter e seu programa tem muita utilidade para esclarecer, de forma cristalina, que os projetos políticos do PSOL e do PSTU são opostos.

O PSTU lançou a pré-candidatura de Vera Lúcia a presidente e de Hertz Dias a vice, com um caráter explicitamente classista, ou seja, defendendo que os trabalhadores, explorados e oprimidos do país se rebelem e derrubem o sistema capitalista que nos esmaga. Defendemos um programa que aponte para a revolução socialista no Brasil e no mundo. Que leve os trabalhadores ao poder.

Lançamos um manifesto que pretende discutir esse programa com ativistas e lutadores que concordem com esse projeto. Vamos participar das eleições para propagandear essas ideias, que obviamente são opostas às propostas de preservação do capitalismo e de defesa do Estado burguês assumidas pela frente das esquerdas oportunistas à qual o PSOL adere.

ENTREVISTA

"É impossível mudar a vida dos

O PSTU está fazendo plenárias e reuniões em fábricas, periferias, ocupações e escolas para discutir um programa socialista para apresentar nas eleições. Junto à proposta de manifesto, "Um chamado à rebelião! Um projeto socialista", lançado para dar o pontapé na discussão, o partido está apresentando as pré-candidaturas de Vera Lúcia à Presidência e de Hertz Dias a vice. Uma chapa operária, negra, nordestina e socialista para se contrapor ao mais do mesmo das candidaturas que se desenham hoje no país. Formada em Ciência pela Universidade Federal de Sergipe, Vera é casada com um eletricista terceirizado da Petrobras e tem duas filhas. O Opinião Socialista conversou com ela, que nos contou um pouco de sua trajetória e o significado de sua pré-candidatura.

DA REDAÇÃO

Opinião – Vera, você é conhecida por sua militância política em Sergipe, mas na verdade é de Pernambuco. É isso?

VERA – Exatamente. Eu nasci no sertão de Pernambuco e cheguei a Aracaju ainda menina. Decidimos sair de lá por conta da seca e também porque lá, na roça, não havia escola. Primeiro, passamos por Paulo Afonso e, logo em seguida, fomos para Sergipe. Lá, morei em vários lugares da Grande Aracaju e na periferia da cidade. Moro, hoje, na Coroa do Meio, que é uma ocupação. Foi ocupada em 1999, e é bastante conhecida em Aracaju, e é onde moro há 18 anos já.

E a sua infância como foi?

VERA – Nasci num município chamado Inajá, no sertão pernambucano. Mas, na verdade mesmo, nasci num povoado que o povo chama de "Cercadinho", que hoje pertence a outro município. Foi uma infância como a de qualquer outro sertanejo pobre. Meus pais eram pequenos agricultores, e quando vamos para Sergipe, meu pai vai trabalhar como vendedor, e minha mãe, para ajudar, trabalha como lavadeira, bordadeira e dona de casa, né, porque tinha muitos filhos. Meu pai trabalhou como vendedor, na construção civil, de vigilante. Meus irmãos começaram a trabalhar todos muito cedo, vendiam pão. Mas minha família sempre foi muito pobre. Até hoje, moram na periferia de Aracaju e da Grande Aracaju. São todos trabalhadores assalariados. Quando falamos de um programa dos trabalhadores, não estamos falando da vida alheia, estamos falando das nossas vidas, das nossas necessidades.

E em Aracaju você começou a trabalhar?

VERA – Na verdade, comecei a trabalhar com 14 anos. Já fiz de tudo na vida: fui garçonete, datilógrafa, trabalhei passando mimeógrafos nas escolas. E, na fábrica, entrei com 19 anos, começando a trabalhar na fábrica de calçados Azaleia. Inicialmente, em serviço gerais, na linha de produção, fazendo vários serviços. Depois, dentro da própria fábrica, eu me profissionalizei como costureira. Lá, fizemos greve, organizamos os trabalhadores e fundamos o sindicato. E, desde então, venho atuando.

Na época, não havia sindicato de sapateiros, até porque não é o forte do Nordeste. Só se transferiram fábricas de calçados para lá por conta da mão de obra mais barata que no Sul e no Sudeste. Aí teve a greve de 1989, que foi a famosa greve geral. Logo depois, os operários da fábrica resolveram fazer uma greve específica, reivindicando reajuste salarial e melhores

> Nossa unidade é com os trabalhadores para que, de forma organizada, enfrentem os patrões e os governos

condições de trabalho, porque as condições eram extremamente precárias. Eu participo dessa greve, e, quando retornamos, já retornamos com o sindicato formado, e eu como dirigente.

Sobre as eleições, pesquisas de Sergipe colocam você em primeiro lugar e, no caso de deputada, apontam como praticamente eleita. Por que, então, não garantir uma vaga de deputada?

VERA – Primeiro, porque os militantes do PSTU me confiaram a tarefa de encabeçar a chapa que deve representar esse trabalho coletivo de, junto com os lutadores socialistas deste país, fazer um chamado à rebelião e defender um projeto socialista, porque não vamos mudar o Brasil de verdade com as eleições, mas sim com uma revolução social. Devemos fazer um chamado à classe trabalhadora, nesse momento de grandes ataques e de uma crise econômica e social muito grande, com desemprego, violência, falta de saúde e moradia, fazer um chamado a que os trabalhadores se rebelem contra tudo isso e que lutemos por outra sociedade e por uma verdadeira democracia operária, na qual os de baixo governem através de conselhos populares.

PSTU

RIO DE JANEIRO
INTERVENÇÃO É GUERRA AOS POBRES

Fernando Frazão / Agência Brasil

A intervenção federal, que pode colocar mais 25mil homens do Exército no estado do Rio de Janeiro, vai aumentar a violênc ia sofrida pelas comunidades que já enfrentam a agressão policial e a guerra ao tráfico. Tampouco trará mais segurança para a classe média. Se a ocupação por tropas do Exército nas comunidades resolvesse o problema da violência, o Rio seria o estado mais pacífico do Brasil. Desde 1992, já enfrentou sete operações de tropas federais. E a violência só aumentou...

POR QUE A INTERVENÇÃO NÃO VAI RESOLVER A VIOLÊNCIA?

A crise da segurança pública do Rio de Janeiro é irmã gêmea da profunda crise social e da completa falência do Estado. Isso nada mais é do que o caos que se vê na saúde, na educação e no maior número de desempregados do país. Os grandes responsáveis por essa situação são os grandes empresários e os banqueiros, que nos exploram e, além de tudo, não pagam impostos que chegam ao valor de R$ 218 bilhões, pois tiveram anos de isenções fiscais.

Esse presentão foi dado pela máfia do MDB, chefiada por Sérgio Cabral, Picciani e Pezão. Deram dinheiro público aos grandes empresários e mandaram ver na corrupção e na destruição do serviço público. Como se não bastasse, o roubo descarado na Petrobras paralisou obras, fechou estaleiros, jogou milhares de pais e mães de família no desemprego e tirou o futuro da juventude.

Roubar dinheiro do Orçamento para dar aos empresários significou não pagar os salários ao funcionalismo e aos aposentados. Também aumentou a crise na saúde, o que mata todos os dias milhares de pessoas nas filas dos hospitais.

Sem atacar os interesses dos verdadeiros bandidos, não adianta aumentar a repressão. Essa intervenção só vai aumentar a violência, especialmente contra os mais pobres. A guerra ao tráfico de drogas é uma grande mentira. Ela não ataca os verdadeiros chefões do tráfico: os que financiam e compram a droga distribuída no Brasil. Essa turma não mora nos morros nem nas comunidades ocupadas.

UMA GUERRA CONTRA POBRES, NEGROS E JOVENS

Temer e a Rede Globo só têm uma resposta para a crise social do Rio: as Forças Armadas. Decretaram uma guerra contra a população trabalhadora e pobre, justamente contra os que mais sofrem com a violência. O governo não quer acabar com a violência. Quer apenas transformá-la num show com objetivos eleitorais, mesmo que isso custe a vida de pessoas inocentes. Depois das eleições, tudo permanecerá igual. O tráfico de drogas vai continuar, assim como o desemprego e os salários atrasados do funcionalismo.

ABAIXO A INTERVENÇÃO! QUEREMOS EMPREGO, SAÚDE E EDUCAÇÃO!

É necessário organizar os trabalhadores pobres contra a intervenção. É necessário lutar pelas medidas que podem acabar com o sofrimento de milhares de famílias. Não podemos esperar de Temer e Pezão qualquer medida séria para dar um basta à violência. O primeiro foi o responsável pela reforma trabalhista que retirou direito dos trabalhadores. Já o segundo, é integrante da máfia do MDB, que, junto com os empresários corruptores, roubaram os cofres do Rio.

Aqueles que sofrem a violência no cotidiano devem se organizar e lutar. A intervenção não vai parar a violência do tráfico. Só vai jogar jovens soldados (muitos moradores das comunidades inclusive) contra os seus próprios vizinhos. Querem dividir os trabalhadores para continuar reinando e mantendo baixos salários e desemprego.

Fora Temer! Fora Pezão! Fora todos eles!

MOTIVOS

Razões para a intervenção

A intervenção no Rio tem motivações eleitorais. Apesar da gigantesca impopularidade, Temer ainda cogita sua reeleição. Se isso não der certo, ele ainda pode usar a intervenção para tentar influenciar a eleição e, depois, obter algum cargo e foro privilegiado que pode livrá-lo da cadeia quando ficar sem mandato.

Há outra razão para a intervenção: o total descontrole do Estado sobre a polícia e sobre o aparato de repressão. A crise do Rio fez com que parte da própria polícia entrasse em choque com o governo, causando a quebra da hierarquia militar. Em 2017, policiais chegaram a ocupar a Assembleia Legislativa quando deputados queriam votar ataques ao funcionalismo.

O aparato de repressão é a instituição fundamental do Estado e serve para reprimir os trabalhadores e manter a exploração feita pelos capitalistas. Mas perguntamos: como controlar uma polícia que não recebe salários, é mal equipada, é carcomida pela corrupção e enfrenta o ajuste fiscal de Pezão? Como fazer com que essa polícia proteja os interesses dos ricos diante dessa situação e, ao mesmo tempo, continue reprimindo os pobres? A intervenção também é uma forma de manter o controle do aparato de repressão e de impedir uma crise generalizada na polícia que ameace os interesses da burguesia.

Violência é resultado da crise social

A violência no Rio de Janeiro é produto de uma profunda crise social. É impossível acabar com a criminalidade numa sociedade na qual milhares de excluídos são jogados no desemprego, enquanto empresários e políticos vivem impunes na corrupção, no tráfico de drogas e na superexploração.

O roubo dos cofres públicos pela quadrilha Cabral-Pezão-Picciani para dar dinheiro aos empresários resultou no colapso social do Rio. O desemprego explodiu. Segundo o Ministério do Trabalho, de 2015 para cá, 496 mil vagas de trabalho foram fechadas. Na cidade do Rio, o crescimento da pobreza se vê ao ar livre. Hoje, mais de 14 mil pessoas moram nas ruas. Em 2013, eram 5 mil. O funcionalismo não recebe salários, e quase 10 mil lojas fecharam nos seis primeiros meses de 2017.

A política de repressão aos pobres é racista, genocida e machista. No Brasil, a taxa de homicídios por arma de fogo é quase três vezes maior entre os negros do que entre os brancos. No Rio de Janeiro, 70% da população carcerária é negra. A taxa de encarceramento de mulheres aumentou em mais de 1.000% nos últimos três anos.

É comum ouvirmos que o Brasil é o país da impunidade e que, por isso, o crime se prolifera. Isso não é verdade. Só os ricos e poderosos não são punidos. Basta ver Gilmar Mendes liberando um bando de empresários e políticos corruptos. Os pobres, porém, são severamente punidos. O sistema carcerário brasileiro, hoje, é o quarto maior do mundo, com 607 mil presos. Em 1990, eram 90 mil. Apesar disso, a violência só cresceu.

Há uma política de encarceramento em massa da juventude pobre e negra em nosso país que deu um salto com a implementação da lei de drogas aprovada pelo PT. Hoje, mais de 40% dos presos ainda não foram julgados.

A política repressiva só aumentou a violência contra os trabalhadores pobres e negros. Os governos continuam reprimindo o povo pobre para defender a propriedade privada de bancos, indústrias e latifúndios, os verdadeiros geradores da crise social e da violência.

UPPs e intervenção federal

Mais uma vez, o pobre é o inimigo

A intervenção federal é apenas o aprofundamento da atual política de segurança pública, cujos símbolos foram as Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs). Elas significaram a militarização das favelas e mais violência contra o povo pobre e negro do Rio. Escancararam o caráter de uma segurança pública elitista, genocida, corrupta, burguesa e racista. Cumpriu um papel de contenção social violenta para garantir os lucros dos megaeventos como a Copa do Mundo e as Olimpíadas.

Perguntamos: as UPPs eliminaram o tráfico de drogas em qual favela do Rio? Nenhuma. Mas assassinaram quantas pessoas?

São vários os registros de assassinatos, torturas e desaparecimentos realizados por policiais nas comunidades até então ditas pacificadas. O caso do sumiço do ajudante de pedreiro Amarildo e o triste episódio ocorrido com Cláudia Silva Ferreira, que teve o corpo arrastado por 350 metros por um carro da PM, são símbolos de como a atuação policial é criminosa. Não são casos isolados e fazem parte de uma dura realidade cotidiana da população negra e pobre nas favelas cariocas.

Alguns afirmam que as UPPs, assim como a intervenção, são necessárias porque vivemos uma guerra entre o Estado e o tráfico. Mas não há poder paralelo no Rio de Janeiro, pois o tráfico se relaciona com o poder oficial e com os grandes banqueiros. O banco inglês HSBC, por exemplo, é conhecido por lavar dinheiro dos cartéis de drogas mexicanos. A corrupção é desenfreada na base da polícia, justamente porque ela começa nos altos escalões da polícia e do Estado. Recentemente, um comandante da UPP do Caju foi pego guardando armas e drogas do tráfico, e um sargento do Exército foi pego vendendo armas para traficantes.

Os ataques às UPPs e as mortes dos policiais foram tratados pelo governo como uma resposta do tráfico a uma suposta bem-sucedida política de pacificação. Entretanto, a realidade, pouco tempo depois, mostrou que não há nada de paz nas favelas cariocas. Na verdade, a UPP apenas significou a substituição da violência e da opressão do tráfico e da milícia pela da polícia. A PM detinha todos os poderes dentro da área, e cabia à polícia criar leis de convivência, regular uma série de atividades comerciais, impor toque de recolher etc. Além disso, a polícia também julga e executa as penas e sentenças. Por isso, não é coincidência que, desde a implementação das UPPs, o índice de desaparecimentos tenha saltado nas comunidades. É o Estado chegando às comunidades não para prover segurança, mas para institucionalizar a milícia.

A intervenção, miseravelmente, é apenas o aprofundamento desta lógica de segurança pública infernal. Ou seja, se a militarização das comunidades com as UPPs não está dando resultado positivo, para o governo, a saída é militarizar ainda mais as comunidades com o Exército.

Em 2014, quando o Exército ocupou a Maré, morreram 16 pessoas, oito ficaram feridas e 162 foram presas. Foram expedidos, ainda, mandados de busca e apreensão coletivos, que dão liberdade aos policiais para invadirem e revistarem qualquer casa. São várias as denúncias de abuso de autoridade e violência. Portanto, se no início da implementação das UPPs o povo tinha alguma esperança, hoje a intervenção é vista com certa desconfiança. A impressão é de "já vimos este filme".

GUERRA CONTRA AS DROGAS

Onde estão os bandidos?

Você já deve ter visto uma notícia assim: “Polícia apreende drogas no valor de milhões de reais”. E você também já deve ter se perguntado quem financia esses milhões de reais. Certamente, não foram os adolescentes chamados de soldados do tráfico. Tampouco os chamados traficantes que estão nas cadeias. Se fosse assim, o tráfico já teria acabado. Então, quem financia e lucra com o tráfico?

O ex-chefe da polícia do Rio de Janeiro (1995-1997), Hélio Luz, diz que o capital que financia as drogas tem uma mesa que opera câmbio na Av. Rio Branco e um filho que frequenta bons colégios. Ou seja, são os banqueiros e capitalistas que financiam o tráfico.

Nem o dinheiro que financia a compra das drogas fora do Brasil, nem o dinheiro para o consumo estão nas comunidades do Rio. Lá, são apenas depositados os produtos e recrutados os jovens que, sem emprego ou futuro, entregam suas vidas e oprimem as comunidades. Tudo isso para que os verdadeiros donos do negócio, os donos do capital, vivam nas suas mansões em bairros nobres.

Em 2017, o tráfico de drogas movimentou US$ 320 bilhões (R$ 750 bilhões) em todo o mundo. No Brasil, foram R$ 15,5 bilhões. Se houvesse um verdadeiro interesse em combater o tráfico, o governo iria onde realmente está o dinheiro: nos bancos e nos bairros nobres da burguesia.

O “helicoca” de Zezé Perrela e o “aviãozinho” de Blairo Maggi. Nenhum deles foi investigado até hoje.

Quando o helicóptero do senador Zezé Perrela (MDB) foi apreendido com 450 quilos de pasta de cocaína, nada aconteceu. Pior, na conversa interceptada pela Polícia Federal entre ele e o senador Aécio Neves (PSDB), ele admitiu: “eu não faço nada de errado, eu só trafico drogas.” Um avião de propriedade do ministro da Agricultura, Blairo Maggi (PP), com 500 quilos de cocaína também foi interceptado, e nada aconteceu.

Os verdadeiros magnatas do tráfico são a favor da guerra às drogas porque lucram com toda essa violência. Cada vez que o Exército ocupa uma comunidade, o preço das drogas sobe, e seus lucros aumentam. Eles ganham milhões, enquanto os soldados recebem ordens para vasculhar mochilas de crianças nas supostas operações de combate ao tráfico.

Todos nós trabalhadores pagamos pela repressão ao tráfico para aumentar o lucro dos magnatas. A ocupação da Maré, em 2014, custou R$ 600 milhões. Isso é dinheiro da saúde, da educação, das creches que as crianças não têm para que meia dúzia de pilantras lucre com nossa miséria.

É por isso que os donos do dinheiro são contra descriminalizar as drogas. Porque o seu lucro vem da ilegalidade, da corrupção e da facilidade em recrutar gente que, pelo desemprego e para fugir da miséria, estão dispostos a dar a cara a tapa, enquanto os poderosos ficam nas sombras e ganham milhões.

Em vez de gastar com uma intervenção que nada vai resolver, o Estado tem de legalizar o consumo e assumir o controle da produção e da distribuição das drogas. É preciso olhar o problema como uma questão de saúde pública, como é o alcoolismo. Essa é a única forma de acabar com o tráfico e com a violência gerada pela ilegalidade.

A violência causada por disputas pelo controle dos pontos de venda de drogas deixaria de ter sentido, assim como a opressão do tráfico sobre as comunidades. Temer, no entanto, não quer acabar com a violência: quer transformá-la em bandeira eleitoral enquanto milhares perderão suas vidas para que poucos ganhem milhões.

POLICIAIS E SOLDADOS

Autores e vítimas da violência

Pode parecer estranho para as vítimas da violência policial das comunidades ouvirem que um PM, além de agente da violência, é também uma vítima. Mas foi o ministro da Justiça, Torquato Jardim, quem disse: “os comandantes de batalhão são sócios do crime organizado”. Se o ministro estiver certo, isso significa que os 134 policiais mortos na guerra contra as drogas deram suas vidas em vão. Assim como as mais de mil pessoas assassinadas pela PM em 2017. Isso mostra que a guerra contra as drogas é uma farsa, assim como essa intervenção.

Na PM, há os que mandam e os que obedecem. O drama das famílias que têm seus pais, mães e filhos assassinados não passa de estatísticas de uma guerra que não tem o objetivo de combater o crime. A vida de um trabalhador ou de um policial assassinados no meio de um tiroteio não contam para os que lucram com o tráfico.

O policial militar é um servidor público e, como tal, deve ter direito a organizar seu sindicato e a lutar ao lado de outros servidores pelos salários atrasados e por melhores condições de vida. Precisa, também, estar do lado do povo pobre e trabalhador, não contra eles. A PM deve ser desmilitarizada, ou seja, acabar com sua subordinação às Forças Armadas e sua hierarquia militar.

Defendemos uma polícia única, de caráter civil, com seus chefes eleitos pela comunidade e na qual seus integrantes organizados possam ter sua própria voz.

Programa para combater a violência

A classe trabalhadora tem razão em querer o fim da violência, pois é quem sofre com ela. Não vai ser a intervenção de Temer, porém, que vai acabar com o tráfico e com a criminalidade. Essa medida é uma guerra contra o povo pobre. Precisamos de um programa dos trabalhadores para combater a violência, que combata os verdadeiros geradores da crise social e da criminalidade.

1. DESCRIMINALIZAÇÃO DAS DROGAS E DESMILITARIZAÇÃO DA PM

A farsa da guerra contra as drogas, além de multiplicar a violência, não impede o tráfico nem a comercialização. Somente ceifa mais vidas para aumentar os lucros dos barões do tráfico que as financiam. Por isso, defendemos a legalização do consumo das drogas e o controle da produção e do comércio pelo Estado. Isso vai acabar com a opressão do tráfico e da PM sobre as comunidades pobres, pois não haveria mais incursões da polícia nos morros e nas comunidades e não haveria mais disputas entre traficantes pelo território.

Seria o fim da falsa guerra às drogas, e não precisaríamos de uma polícia militarizada que atua de forma indiscriminada contra as comunidades, corrompida pelo tráfico. Precisamos de uma polícia única de caráter civil, que tenha seus delegados eleitos pela população. Esse seria um mecanismo de controle das comunidades sobre a segurança pública. Desse modo, diminuiriam os abusos policiais.

2. EXPROPRIAÇÃO DOS BENS DE CORRUPTOS E CORRUPTORES

Cabral e Picciani estão na cadeia. Falta Pezão. Mas isso não basta para restituir ao povo os milhões de reais roubados. Todos os bens desses bandidos devem ser expropriados. Eles devem parar de receber os salários milionários que recebem. As empresas dos empresários que corromperam devem ser estatizadas. Não há corruptos sem corruptores.

3. NÃO PAGAMENTO DA DÍVIDA PÚBLICA. AUDITORIA JÁ!

É preciso investigar a dívida pública do Estado. Os trabalhadores e o povo têm o direito de saber como os ladrões Cabral e Garotinho gastaram seu dinheiro. Até lá, devemos suspender o pagamento da dívida. Além disso, é preciso investigar todas as obras das Olimpíadas e da Copa do Mundo, punir os envolvidos em fraudes e estatizar todas as empresas que tiveram altos lucros com a corrupção.

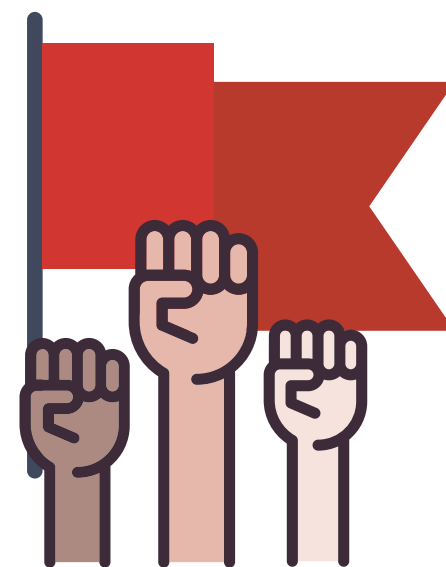
4. FIM DE TODAS AS ISENÇÕES FISCAIS E DEVOLUÇÃO DO IMPOSTO ROUBADO

A máfia do MDB recebeu milhões em propinas para dar isenções fiscais aos grandes empresários. O estado deixou de arrecadar, mas eles ficaram ricos e aumentaram seus lucros. É necessário acabar imediatamente com todas as isenções fiscais e devolver os impostos dessa maracutaia fraudulenta ao Estado, que matou e mata milhares de pessoas com o caos na saúde pública.

5. EMPREGO JÁ!

Precisamos de um plano de obras públicas para construir escolas, hospitais, casas populares, esgotos e obras de saneamento, e não de soldados nas comunidades. Com um plano desses, seria possível gerar empregos e atender as necessidades da população. Além disso, são necessárias medidas emergenciais para as famílias dos trabalhadores desempregados: que sejam isentos de todas as taxas e tenham passe livre em ônibus e metrô; que recebam auxilio aluguel e cesta básica gratuita enquanto estiverem desempregados.

6. ORGANIZAR A AUTODEFESA NAS COMUNIDADES

A intervenção não acabará com a violência enquanto existir tráfico, drogas ilegais e um mercado que as consuma. A população das comunidades é a que mais sofre com a violência. Chegou a hora de colocar seriamente a necessidade do direito de proteção e o direito ao armamento organizado pelas associações.

7. O RIO E O BRASIL PRECISAM DE UMA REVOLUÇÃO!

Só quando os trabalhadores e o povo pobre derrubarem os atuais governantes será possível resolver os grandes problemas que enfrentamos. Os trabalhadores e as trabalhadoras precisam tomar o seu destino em suas próprias mãos, e não depender dos patrões e dos políticos que nos roubam, humilham e financiam a violência e tentam nos dividir com racismo, machismo e homofobia.

trabalhadores no capitalismo”

Então, essa tarefa é muito mais importante do que um mandato parlamentar. Obviamente, queremos que os trabalhadores votem em nós, porque esse voto fortalecerá esse projeto e a classe trabalhadora. Por isso, vamos fazer uma campanha forte nas fábricas, nos bairros, nas ruas, discutindo um programa com a classe trabalhadora, que é o que estamos fazendo com o nosso manifesto.

Se estamos sofrendo todos esses ataques, não seria o caso de uma frente de esquerda como defendem alguns setores?

VERA – A unidade para lutar contra os ataques é importante. Mas, nas eleições, estão sendo apresentados projetos para o país. Então falar de frente de esquerda, como faz o PT e alguns setores, a partir de defender um projeto que não vai além do capitalismo, em aliança com setores patronais, não apenas não coíbe os ataques dos capitalistas, como impede os trabalhadores de lutarem por um projeto que efetivamente os liberte. Nossa unidade é com os trabalhadores para que, de forma organizada, enfrentem os patrões e os governos. Não somos contra reformas a nosso favor, muito pelo contrário. Mas nem as nossas necessidades mais mínimas o capitalismo garante por muito tempo, ou seja, atuar para manter esse sistema não garante nem o mínimo. O PT ficou 14 anos no governo, e o país continua sem saneamento básico etc. Então, com uma frente que une representantes dos trabalhadores e da burguesia, é impossível atender às necessidades dos trabalhadores. Pega os interesses do patrão e pega os interesses dos trabalhadores. É possível conciliar as necessidades do patrão, que quer lucro, com as dos trabalhadores, de salários, direitos e melhores condições? De jeito nenhum.

> Hoje, metade do Orçamento da União é destinado ao pagamento da dívida pública. A primeira coisa que deveríamos fazer é parar de pagar a dívida aos banqueiros

Dá para dizer que todas as pré-candidaturas anunciadas até agora são mais do mesmo?

VERA – Olha, no frigir dos ovos, são sim, porque as candidaturas que se apresentaram até agora todas defendem um projeto capitalista. O PSDB e o MDB são partidos da direita tradicional que gerenciam o capitalismo. Partidos como o PT surgiram da classe trabalhadora, mas seu programa e, inclusive, seus governos sempre estiveram a serviço dos grandes banqueiros, empresários e latifundiários. Isso não é só retórica, vimos na prática. Ciro Gomes, por exemplo, você pode chamar de qualquer coisa, menos de socialista. A única candidatura que se propõe a apresentar um programa para romper com a lógica capitalista é o PSTU. As demais candidaturas, seja mais à direita, seja mais à esquerda, têm uma coisa em comum: propõem uma saída nos marcos do capitalismo. E nós dizemos que é impossível mudar a vida dos trabalhadores, nas suas causas, nos marcos do sistema capitalista.

E qual seria esse programa político para superar essa crise?

VERA – Hoje, metade do Orçamento da União é destinado ao pagamento da dívida pública. A primeira coisa que deveríamos fazer é parar de pagar a dívida aos banqueiros. Nós vamos pegar esse dinheiro e resolver as demandas da população. Você tem, também, um bando de multinacionais nesse país que explora a mão de obra farta e barata, mas que pega os lucros e remete às suas matrizes. Esses lucros ficariam no país para atender às necessidades do povo e da classe trabalhadora brasileira. A outra coisa são os incentivos fiscais às grandes indústrias. Temos que acabar com isso. Precisamos fazer a reforma agrária, e, para isso, acabar com o latifúndio, para que todo o parque agroindustrial esteja a serviço da população. Com o solo fértil que temos, poderíamos atender não só a população do Brasil, mas de toda a América Latina. E também fazer um plano de obras públicas para criar emprego e moradia e a infraestrutura que o país precisa. O Brasil é um país riquíssimo. Nós, trabalhadores, sabemos lidar com salário mínimo para nos mantermos vivos. Saberemos lidar com os milhões que o Brasil produz para atender às nossas reivindicações.

E como fazer para colocar um programa desses em prática?

VERA – Esse governo e esse Congresso Nacional nunca aplicariam um programa em favor da maioria dos trabalhadores e do povo pobre desse país. O Congresso Nacional e o governo só atendem os interesses de banqueiros, empresários e latifundiários. Eles sempre atenderam os ricos. Como que, agora, iriam olhar para a população? É por isso que as nossas demandas, que são justas, de quem produz as riquezas, são os próprios trabalhadores que podem fazer, de forma organizada. E fazer isso com um governo dos trabalhadores, que governe por comitês populares, assembleias e organização nos locais de trabalho moradia etc. É democrático? Ao contrário da falsa democracia em que vivemos hoje, que é na verdade uma democracia da burguesia, um governo dos trabalhadores seria verdadeiramente democrático, já que representaria os interesses de quem produz e trabalha, ou seja, da grande maioria da população. Assim seria uma sociedade socialista, sem exploração e sem opressão de qualquer tipo.

ACESSE O MANIFESTO

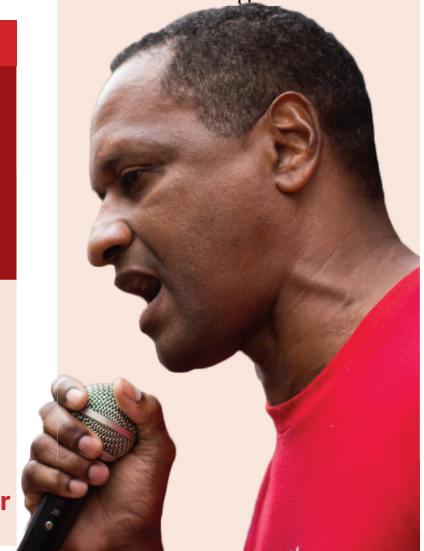
UM CHAMADO À REBELIÃO! UM PROJETO SOCIALISTA CONTRA A CRISE!

www.projetosocialista.com.br

Hertz: Uma voz dos negros e das marchas da periferia

O pré-candidato à vice-Presidência pelo PSTU, Hertz Dias, é um nome conhecido no movimento negro e no hip hop brasileiro. Nascido da região metropolitana de São Luís (MA), Hertz começou seu ativismo no final da década de 1980, com a fundação do Movimento Hip Hop Organizado do Maranhão, que, em 1992, passaria a se chamar Quilombo Urbano.

Afastado da escola aos 15 anos pelo racismo, voltou a estudar aos 23, incentivado pela atuação no movimento. Hoje, é formado em História e mestre em Educação, lecionando na educação básica do Maranhão.

Hertz é, ainda, vocalista do grupo de rap Gíria Vermelha e coordenador do Movimento Hip Hop Militante Quilombo Brasil. Foi pelo hip hop que construiu sua longa trajetória dentro do movimento negro no Brasil. Foi quem lançou a Marcha da Periferia no Maranhão, em 2006, iniciativa que se nacionalizou por meio da CSP-Conlutas e que, atualmente, é um dos mais importantes eventos do Novembro Negro.

SOS EMPREGO

Dirigentes de sindicato filiado à Força Sindical são presos acusados pela morte de Barriga

DA REDAÇÃO

Foram três meses de uma intensa campanha para saber quem matou o companheiro Clodoaldo Santos, o Barriga, coordenador do SOS Emprego-Sergipe, filiado à CSP-Conlutas. No dia 23 de fevereiro, finalmente foram presos seis acusados pelo crime. Destes, três são diretores do Sindicato dos Trabalhadores nas Empresas de Montagem, Manutenção e Prestação de Serviços (Sindimont-SE), filiado à Força Sindical, inclusive o presidente do sindicato.

Clodoaldo Santos, o "Barriga", do SOS Emprego em Sergipe. Abaixo, os sete suspeitos presos.

RICARDO MONTEIRO DOS SANTOS

LEANDRO COSTA ALVES

SIDNEY SANTOS DE OLIVEIRA

ANDRÉ SILVA SANTANA

CÉSAR JÚLIO SANTOS DA SILVA

JAILTON PAULINO BISPO SANTOS

QUEM MATOU BARRIGA?

Barriga foi assassinado a tiros em dezembro do ano passado, na porta de sua casa, no município de Barra dos Coqueiros, na Grande Aracaju. O homem acusado de atirar confessa ter recebido R$ 3 mil pelo crime, que teria sido articulado pelos dirigentes sindicais.

Os criminosos foram identificados pela polícia como: André Silva Santana, presidente do Sindimont; Jailton Paulino Bispo e Leandro Costa Alves, dirigentes do Sindimont; César Júlio Santos, apontado como atirador; Ricardo Monteiro dos Santos, condutor da moto usada na ação criminosa; e Sidney Santos de Oliveira.

Ao mesmo tempo em que é doloroso perder um companheiro de luta, é uma vitória muito grande dos trabalhadores o avanço das investigações. Se não fosse a pressão feita pelos trabalhadores organizados, por meio da campanha nacional impulsionada pela CSP-Conlutas e pelo SOS Emprego para descobrir e punir quem matou Barriga, possivelmente as investigações não teriam avançado. Agora que descobrimos quem matou, vamos continuar pressionando para descobrir todos os mandantes.

MAFIA

Esquema criminoso

A principal suspeita da motivação do crime envolve um negócio criminoso de venda de vagas de emprego, do qual o Sindimont participava. Segundo a delegada que acompanha as investigações, o presidente do sindicato, André Santana, relatou que Jailton e Leandro temiam que o movimento SOS Emprego crescesse e que eles perdessem espaço. *"Há ainda uma versão de que o sindicato estava incomodado com a atuação do SOS Emprego, que nada cobrava pelo recrutamento de trabalhadores locais"*, afirmou a delegada.

Com a luta por emprego na obra da Termelétrica Porto de Sergipe, o SOS Emprego ganhou tanta força que atrapalhou o esquema da venda de vagas de emprego. Se o Sindimont era quem atravessava os currículos, quem mais intermediava o esquema? Encarregados de empresas e políticos corruptos, por exemplo, sempre costumaram encabeçar essas práticas.

SAIBA MAIS

Entenda o crime

1 **QUINTA-FEIRA, 14 DE DEZEMBRO**

Clodoaldo Santos, o Barriga, foi executado em frente à sua casa. Ele foi abordado por duas pessoas de moto em sua porta, dizendo que eram trabalhadores desempregados que queriam entregar o currículo. Barriga informou para eles que deviam entregar na sede da empresa, na Barra. Assim que ele virou as costas, foi executado com um tiro na cabeça.

2 **SEXTA-FEIRA, 15 DE DEZEMBRO**

Trabalhadores liderados pelos SOS Emprego realizaram um protesto em frente ao Palácio do Governo, exigindo punição aos assassinos.

3 **JANEIRO DE 2018**

Mais de 200 pessoas participaram da atividade organizada pela CSP-Conlutas na sede da OAB de Sergipe. A Plenária Operária Popular e Sindical, realizada no dia 24, cobrou agilidade nas investigações do assassinato do operário.

PELEGOS

Queridinho dos patrões

É importante lembrar que o Sindimont tinha trânsito livre na obra da Termelétrica e na empresa, enquanto o SOS Emprego foi, mais de uma vez, reprimido pela Polícia Militar do governo de Jackson Barreto (PMDB). Nunca nenhuma empresa ou o Estado questionou as práticas desse sindicato nem da Força Sindical. Pelo contrário, na Petrobras, por exemplo, o Sindimont sempre foi reconhecido pelas empresas, porque enganava os trabalhadores terceirizados, rifava os direitos e desarticulava as lutas.

É esse tipo de sindicato que todo patrão e governo gosta. Ou seja, os dirigentes do Sindimont foram para a cadeia, mas os principais beneficiados com esse crime continuam soltos. Está mais do que na hora de os trabalhadores enxotarem este sindicalismo bandido.

FAÇA PARTE

Campanha de solidariedade

O SOS Emprego, junto com a CSP-Conlutas, continua pedindo apoio político e financeiro às entidades sindicais e aos movimentos sociais para viabilizar as diversas mobilizações e iniciativas institucionais do movimento. Participe! Abaixo, segue conta para depósito.

BANCO DO BRASIL
AGÊNCIA: 0303-4
CONTA: 108908-0
CENTRAL SINDICAL E POPULAR CSP-CONLUTAS
CNPJ: 07.887.926/0001-90

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS

Metalúrgicos escolhem chapa da CSP-Conlutas para dirigir o sindicato

FOTO: Tanda Melo / SindmetalSJC

 DA REDAÇÃO

Mais uma vez, os metalúrgicos de São José dos Campos escolheram a CSP-Conlutas para ficar à frente do sindicato da categoria. A chapa 1 venceu as eleições para a diretoria com 64% dos votos válidos. As eleições aconteceram nos dias 27 e 28 de fevereiro. A chapa 2, ligada à CUT, ficou com 36% dos votos. As urnas percorreram as fábricas da região garantindo, assim, maior participação de toda a categoria no processo.

"Os votos da categoria mostraram que os trabalhadores querem manter o sindicato independente dos patrões e do governo. Temos um ano duro pela frente, com as empresas tentando implementar os ataques da reforma trabalhista nas fábricas. Por isso, vamos continuar firmes na luta em defesa dos direitos", afirmou o presidente eleito, Weller Gonçalves.

O sindicato é filiado à CSP-Conlutas desde 2004 e representa cerca de 40 mil trabalhadores de São José dos Campos, Jacareí, Caçapava, Santa Branca e Igaratá. Deste total, cerca de 15 mil são sindicalizados (10 mil da ativa e cerca de 5 mil aposentados). Somente os metalúrgicos sindicalizados têm direito a votar. A região de abrangência do sindicato possui cerca de 1.200 fábricas metalúrgicas. Entre elas, estão Embraer, General Motors, Chery, Avibras e Gerdau.

PREFEITO E PATRÕES UNIDOS

A vitória da chapa 1 também foi uma resposta dos metalúrgicos ao prefeito e aos empresários da região. Durante a campanha eleitoral, o prefeito de São José dos Campos, Felício Ramuth (PSDB), e representantes de organizações patronais se posicionaram diversas vezes contra a chapa 1. O prefeito disse com todas as letras, em entrevista à imprensa, que torcia pela saída da CSP-Conlutas da direção do sindicato.

Essa posição não é por acaso. Os patrões e o prefeito, que também é empresário, querem distância de um sindicato combativo e que não abre mão de direitos. Para a chapa 1, é até motivo de orgulho que toda essa gente se oponha à chapa. Isso é uma prova de que a chapa está do lado dos trabalhadores contra os patrões.

Certamente, as declarações do prefeito e dos empresários tentaram intimidar os metalúrgicos, mas a manobra não deu certo. Nos próximos três anos, a direção do sindicato enfrentará os desafios com muita luta. E não vai dar um minuto de trégua aos inimigos dos trabalhadores.

NOVO PRESIDENTE

O novo presidente do sindicato tem histórico de luta. Weller Gonçalves, 31 anos, é metalúrgico há 13 anos e diretor do sindicato desde 2015. Trabalha na JC Hitachi há quatro anos e sempre esteve à frente das lutas da categoria defendendo os direitos dos trabalhadores. Na JC Hitachi, os metalúrgicos demonstraram seu total apoio à chapa 1, com 97% dos votos.

O vice-presidente eleito é Renato Almeida, trabalhador da General Motors e atual secretário-geral do Sindicato.

A chapa 1 tem 41 membros de 17 fábricas e ficará na direção do sindicato pelos próximos três anos (2018-2021). Defende a necessidade de continuar a luta para combater a implementação da reforma trabalhista e contra a aprovação da reforma da Previdência.

INTERNACIONAL

Não à perseguição a Sebastián Romero

A Justiça da Argentina decretou a prisão de Sebastián Romero, militante do PSTU argentino e ex-candidato a deputado pela Frente de Esquerda (FIT em castelhano). Trata-se de mais uma ação de repressão do presidente Macri contra os ativistas que participaram da jornada de mobilizações contra a reforma da Previdência do governo, em dezembro de 2017.

A luta contra a reforma da Previdência reuniu milhares de trabalhadores, aposentados e estudantes, sindicatos, organizações políticas, sociais e de direitos humanos. Contudo, a manifestação foi recebida a tiro, porrada e bomba. Muitos ativistas foram feridos, alguns gravemente. Mais de 50 foram detidos.

Foi nesse momento que Sebastián Romero utilizou um fogo de artifício de venda livre, que geralmente é levado a todas as manifestações no país, para defender os manifestantes. Sebastián Romero foi demonizado em todos os meios de comunicação por utilizar um fogo de artifício em meio a uma brutal repressão. Dois militantes do Partido Obrero, Cesar Arakaki e Dimas Ponce, estão presos. Sebastián é um lutador operário e popular que também esteve ao lado de seus companheiros da General Motors quando a montadora ameaçou demitir 350 trabalhadores.

Enfrentar essa caçada é hoje uma necessidade de primeira ordem para todos aqueles que lutam contra o ajuste de Macri. Por meio da repressão, o governo Macri tenta frear a resistência dos trabalhadores, que já demonstraram que não estão dispostos a deixar que seus direitos sejam arrancados assim. Por isso, é preciso repudiar a prisão de Sebastián e de todos os ativistas e lutar pela sua libertação para derrotar o governo argentino.

SÍRIA

Sete anos de revolução e guerra!

FÁBIO BOSCO
DE SÃO PAULO

Em 18 de março de 2011, um grupo de jovens pichou a frase "o povo quer o fim do regime" nas paredes de sua escola na cidade de Deraa, sul da Síria. Eles foram presos, torturados e assassinados pela polícia do ditador Bashar al-Assad. Foi o estopim para que milhões de sírios tomassem as ruas do país e começassem sua revolução.

A revolução luta pelo fim da ditadura Assad, no poder desde 1970, e também contra o desemprego e por melhores condições de vida. A população se organiza em centenas de Comitês de Coordenação Local que se formam em todo o país.

Após seis meses de repressão brutal contra manifestações pacíficas, a população trabalhadora inicia sua autodefesa. Com milhares de soldados desertores e voluntários, milícias populares armadas se formam em toda a Síria para derrubar o regime. Eles são chamados de rebeldes e se agrupam sob a denominação de Exército Livre da Síria (ELS).

Pessoas correm pelas ruas de Ghouta após bombardeio do regime.

Em 2013, os rebeldes avançaram em todo o país. Para impedir a queda do ditador, milícias ligadas ao partido libanês Hezbollah abandonaram a luta contra o Estado de Israel e invadiram a Síria. O grupo iraquiano autodenominado Estado Islâmico (Daesh em árabe) também invadiu o país para combater os rebeldes e as milícias curdas.

A Arábia Saudita, o Qatar e a Turquia começam a atuar por dentro da revolução para desviar os rumos para uma luta religiosa que, na prática, divide o povo sírio e ajuda a manter o ditador. Milhões de sírios são obrigados a abandonar suas casas. A crise dos refugiados tem repercussão internacional.

Em 2015, é a vez de os russos invadirem o país para salvar o ditador. Aviões de combate russos, junto com a aviação síria, bombardeiam dia e noite as áreas rebeldes sob alegação de combate ao terrorismo. Vilas e cidades inteiras são arrasadas. Meio milhão de sírios são mortos desde o início da revolução, a maioria pela aviação síria e russa.

Nesse meio tempo, o governo dos Estados Unidos faz um acordo com o partido curdo-sírio (PYD) que lidera as Forças Democráticas da Síria (SDF). Os americanos mandam armas sob o argumento de guerra ao terror. Seu verdadeiro objetivo é controlar a produção de petróleo e energia elétrica da Síria.

Em 2018, a ditadura Assad se mantém no poder graças à invasão do país por várias forças militares estrangeiras: Rússia, Estados Unidos, Irã, Turquia, Hezbollah, grupo iraquiano Estado Islâmico, além da aviação israelense.

Fora da Síria, o imperialismo e as potências internacionais e regionais preferem a manutenção do ditador e partilham o país em áreas de influência. Também a maioria dos partidos de esquerda, especialmente ligados ao chavismo (Venezuela) e ao castrismo (Cuba), apoia o ditador ou se mantém neutra. Dessa forma, eles impedem um grande movimento de solidariedade internacional à revolução.

Mesmo assim, a maioria da população continua na oposição ao ditador, e os rebeldes dominam 11% do território sírio.

Fora Bashar e todas as forças militares estrangeiras!

Por um governo dos trabalhadores sírios apoiado nos Comitês de Coordenação Local e nas milícias rebeldes!

O povo trabalhador sírio enfrenta o ditador e todas as forças militares estrangeiras que invadiram o país. Para expulsar essas forças estrangeiras e derrubar a ditadura, os rebeldes sírios precisam formar um novo Comitê de Coordenação Nacional que unifique os comitês locais e as milícias rebeldes. Esse comitê tem de ser independente das potências regionais e mundiais para representar apenas os interesses dos trabalhadores sírios.

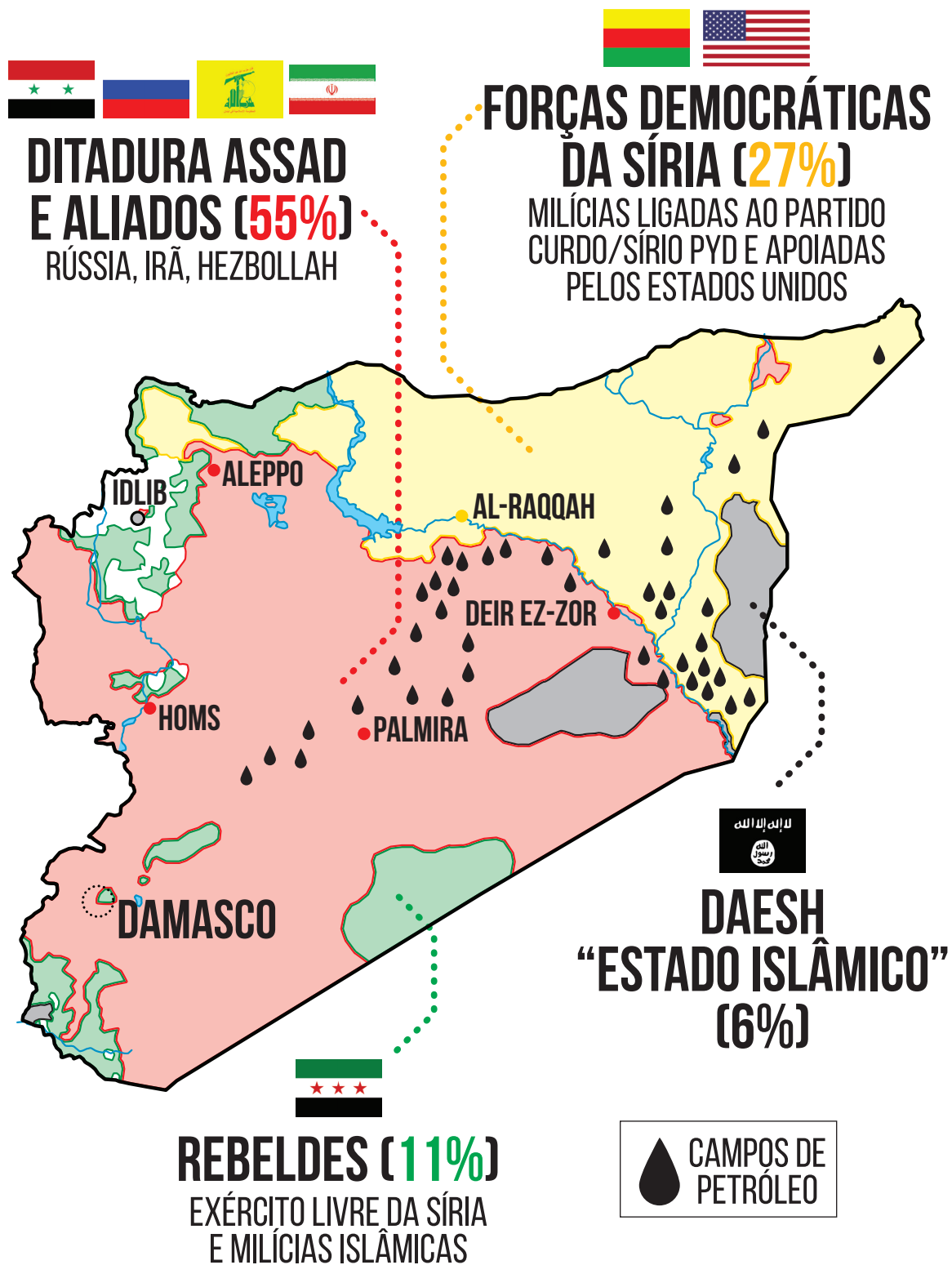
Além disso, o comitê tem de construir uma aliança com a população curda. Os curdos odeiam o ditador Assad e lutam pelo direito à autodeterminação. No entanto, o partido curdo PYD cometeu o erro de se aliar ao ditador e aos Estados Unidos. Nenhum deles defende o direito à autodeterminação. O comitê tem de fazer o compromisso de garantir o direito à autodeterminação e trazer os curdos para o lado da revolução.

Os rebeldes também têm de se aliar aos palestinos. Eles têm de se comprometer a retomar a luta contra a ocupação israelense nas colinas de Golã (que pertenciam à Síria), abandonadas pelo ditador Assad. A Liga Internacional dos Trabalhadores – Quarta Internacional (LIT-QI), organização internacional que o PSTU integra, apoia a revolução síria e integra a solidariedade internacional à mesma.

O ditador Bashar al-Assad e seu aliado Putin, da Rússia

QUEM É QUEM?

NO CONTROLE DO TERRITÓRIO SÍRIO

CAMPOS DE PETRÓLEO

SAIBA MAIS

O que você precisa saber sobre a Síria

GHOUTA ORIENTAL

400 mil sírios rebeldes estão sitiados pelo ditador desde 2013. As aviações russa e síria bombardeiam dia e noite. Mais de cem civis morreram só no dia 9 de fevereiro. O objetivo do ditador é expulsar toda a população para o norte e ocupar a área com novos habitantes (sírios, libaneses, iraquianos e iranianos). Esse processo de mudança demográfica à força é denominado limpeza étnica e é condenado pelo direito internacional.

IDLIB

Província rebelde no norte do país. Também está sob intenso ataque pelas forças do ditador. Idlib, Ghouta, Deraa e áreas rurais de Alepo, Hama e Homs são controladas pelos rebeldes. Totalizam 11% do território sírio.

AFRIN

Parte de Rojava. Foi invadida pela Turquia em 19 de janeiro. O presidente turco Erdogan anunciou que, após tomar Afrin, vai invadir Manbij, também sob controle dos curdos-sírios. É possível que a população curda-síria seja expulsa para o lado oriental do rio Eufrates em novo processo de limpeza étnica.

CURDOS

Os curdos são uma nacionalidade oprimida dentro da Síria, da Turquia, do Iraque e do Irã. Na Síria, eles são a maioria da população em Rojava, região composta por Afrin, Kobani (Ayn al-Arabi) e Hasaka, que tem grande produção agrícola. O principal partido curdo-sírio é o PYD. Esse partido reprime os dissidentes e lidera as Forças Democráticas da Síria com apoio dos Estados Unidos. O PYD também controla vastas áreas onde os curdos são minoria como a cidade de Manbij e o vale do rio Eufrates. Essa área é rica em petróleo e tem a hidrelétrica de Tabqa, responsável pela produção de 50% de toda a energia elétrica do país. Daí o interesse americano.

GUERRA POR PETRÓLEO

A força aérea dos Estados Unidos arrasou um grupo de 550 soldados mercenários russos que queriam tomar uma área petrolífera em 7 de fevereiro.

DAESH

O grupo iraquiano Estado Islâmico controla zonas rurais no deserto próximas à fronteira iraquiana com a cumplicidade do ditador sírio e dos Estados Unidos. Os Estados Unidos permitiram que os líderes do Estado Islâmico (Daesh), junto com suas famílias, soldados e armas, se retirassem em segurança de Raqqa em outubro de 2017.

PALESTINOS

A ditadura síria sempre foi inimiga da Organização pela Libertação da Palestina (OLP), liderada por Yasser Arafat. O ditador Assad patrocinou o massacre de palestinos no Líbano durante a guerra civil (1975-1990). Na Síria, o ditador bombardeou Yarmouk, o maior campo de refugiados palestinos, para expulsá-los.

DERAA

Cidade onde começou a revolução. Fica na fronteira com a Jordânia. A maior parte da cidade está sob controle dos rebeldes do Exército Livre da Síria.

COLINAS DO GOLÃ

Território sírio ocupado pelo Estado de Israel em 1967. O Estado de Israel apoia a permanência do ditador sírio Bashar al-Assad, mas não quer que o ditador tenha força militar nem ajude a milícia libanesa Hezbollah ou grupos iranianos. Por isso, periodicamente, bombardeia armazéns e comboios militares em território sírio há anos impunemente. Em 10 de fevereiro, o regime sírio abateu um avião israelense que bombardeou o país. Foi a primeira vez que isso aconteceu.

CINEMA

Pantera Negra: orgulho negro na tela

JOÃO PAULO DA SILVA
DE NATAL (RN)

O mais recente filme do universo cinematográfico da Marvel é sucesso de crítica e público e deve alcançar a marca de US$ 1 bilhão na bilheteria mundial. O fenômeno não é à toa. Pantera Negra não é apenas mais uma aventura de super-herói, com alguém pulando de telhados atrás de bandidos e vilões. O longa-metragem, dirigido por Ryan Coogler (Creed: Nascido para Lutar), que assina o roteiro com Joe Robert Cole, é o mais político e sério filme da Marvel. Nele, negros e negras assumem o protagonismo da história numa trama que discute racismo e libertação.

HISTÓRIA

Após a morte do rei T’Chaka nos eventos de Capitão América: Guerra Civil, o príncipe T’Challa (Chadwick Boseman) retorna à sua casa para assumir o posto de novo líder da secreta e altamente desenvolvida Wakanda, no continente africano. O Pantera Negra, porém, descobre que outras tribos pretendem disputar o trono, enquanto o misterioso Erik Killmonger (Michael B. Jordan) conspira para voltar à nação e revelar antigos segredos guardados pelo país. O elenco conta, ainda, com Forest Whitaker, no papel do guia espiritual, Lupita Nyong’o, como Nakia, e Danai Gurira, que vive Okoye, a líder das Dora Milaje (a guarda real de Wakanda).

Pantera Negra é um filme forte e bonito, fruto de um momento histórico no qual a pressão por representatividade de negros, mulheres e latinos no cinema cresce a cada dia. Criado por Stan Lee e Jack Kirby em julho de 1966, em meio à luta dos negros por direitos civis nos EUA, o Pantera Negra foi o primeiro super-herói negro dos quadrinhos. Embora a criação da personagem seja anterior à fundação do Partido dos Panteras Negras (fundado em Oakland, em outubro de 1966), as histórias politizadas do herói ao longo de mais de 50 anos guardam referências à luta da organização. No filme, isso também está presente.

O ORGULHO DE SER NEGRO

Sem dúvidas, a fictícia nação africana de Wakanda desempenha uma simbologia incontestável no imaginário dos oprimidos. Seu avançadíssimo desenvolvimento tecnológico e social, a força de seus costumes tribais e a beleza de sua diversidade cultural realçam a grandeza do povo negro. Wakanda e seu maravilhoso metal vibranium são uma metáfora contundente sobre o que pode ser feito quando os colonizadores são impedidos de saquear nossas riquezas e de nos transformar em escravos.

É um filme para termos orgulho de nossa raça e, por isso, tem arrastado multidões ao cinema. Quando fui assistir ao longa vestindo minha camisa do Pantera Negra, o irmão negro que me atendeu disse: *“Curti a camisa. Este filme mostra a força que a gente tem”*.

O lugar de destaque que as mulheres ocupam nesta sociedade é outra expressão do avanço que o combate à opressão pode trazer. Seja na figura de Shuri (Letitia Wright), a irmã do Pantera e principal cientista do país, ou na bravura das guerreiras Dora Milaje, as mulheres de Wakanda têm um papel decisivo na trama.

Pense no efeito deste longa-metragem de super-herói no coração e na mente de quem quase sempre é retratado na telona como marginal, bandido, feio, ignorante e atrasado. O filme faz qualquer um sair do cinema de cabeça erguida, pronto para lutar contra esse sistema, que é racista até a medula.

Mas Wakanda vive um dilema fundamental. Ao se proteger de invasores, com o objetivo de defender suas riquezas e seu povo, essa rica nação acabou virando as costas para seus irmãos negros lá fora. E é a resolução desse conflito que divide os caminhos dos protagonistas da história. Por tudo isso, Pantera Negra é imperdível e deve ser visto por todos, especialmente pelo povo negro.

Michael B. Jordan, no papel de Killmonger (esq.) e Chadwick Boseman, no papel de Pantera Negra (dir.)

CRÍTICA

Reformar a senzala ou derrubar a casa grande?

Erik Killmonger (Michael B. Jordan) é um daqueles vilões que a gente ama. O personagem, obviamente influenciado pelas ideias do Partido dos Panteras Negras, deseja armar o povo negro de todo o mundo para derrubar os opressores. No entanto, a derrapada do filme é retratá-lo como um aventureiro lunático ou terrorista. Isso mostra claramente que não há inocentes na indústria do cinema e do entretenimento.

Por outro lado, a mensagem de T’Challa (Chadwick Boseman) é humanitária, de ajuda social, que vislumbra a reforma de um sistema que é racista na essência. No filme, é explicita a defesa desse tipo de estratégia que, na verdade, também expressa as diferenças internas do próprio movimento negro. Assim, há dois caminhos em Pantera Negra: reformar a senzala ou derrubar a casa grande?

O tema não vem sendo discutido apenas nas redes sociais. Os próprios atores vêm manifestando sua opinião. Numa entrevista, Chadwick Boseman, ator principal do longa, disse que interpreta o inimigo, T’Challa. Segundo o ator, o rei de Wakanda “nasceu com uma colher de vibranium na boca”, cheio de privilégios, enquanto o personagem Killmonger passou pelas dificuldades que os negros enfrentam todos os dias. “Não sei se nós, como afro-americanos, aceitaríamos T’Challa como nosso herói se ele não passasse por Killmonger. Porque Killmonger passou pelas nossas dificuldades e eu, T’Challa, não”, afirmou.

Em última análise, o que há nessa história toda é o debate sobre classe e raça: para se lutar contra o racismo, não dá para se aliar à casa grande nem àqueles que querem reformá-la. A aliança é com todos os explorados e oprimidos para derrubar o sistema que está aí.

AMBIENTE

Resíduos de mineradoras contaminaram oito em cada dez pessoas na região de Barcarena

Barcarena (PA) é uma cidade próxima da capital Belém, marcada por desastres ambientais. O último aconteceu depois de fortes chuvas, nos dias 16 e 17 de fevereiro, vazaram rejeitos da mineradora norueguesa Norsk Hydro, uma das maiores empresas do setor de alumínio do mundo, contaminando rios da região. Até agora, não se sabe o alcance do derramamento, mas a empresa foi denunciada pelos próprios moradores de Barcarena ao Ministério Público.

A mineradora negou, mas um laudo sobre a operação da Norsk Hydro, feito pelo Instituto Evandro Chagas, comprovou o vazamento das bacias de rejeito. Assim como as piscinas da barragem de rejeito em Mariana (MG), elas contêm a lama vermelha, resultante da lavagem química de bauxita para a produção de alumina, insumo usado para criar o alumínio metálico. O relatório provou que havia uma ligação clandestina liberando esses produtos, muito tóxicos por conterem metais pesados, como chumbo. Mesmo assim, com a maior cara de pau, os representantes da Norsk Hydro continuaram afirmando que cumprem a legislação ambiental do país.

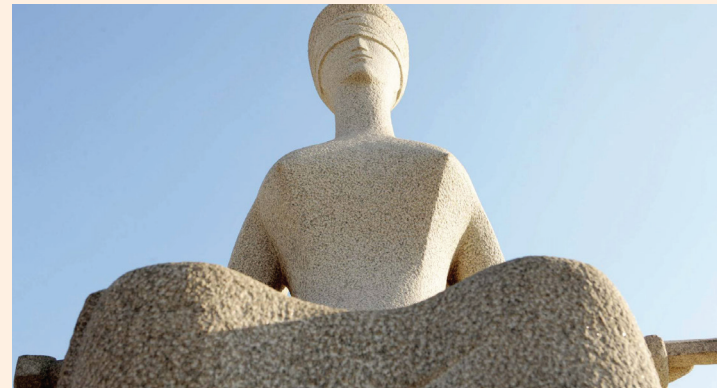
Já faz tempo que todo mundo sabe que a mineradora contaminou a população de toda a região. Em 2012, pesquisadores da Universidade Federal do Pará analisaram poços artesianos de 26 comunidades. Em 24 delas, a água estava com altas concentrações de chumbo. Em 2015, os pesquisadores coletaram fios de cabelos de 90 moradores, e 80% deles continham chumbo. Em igarapés da região, há chumbo e de alumínio em níveis acima do normal.

RELEMBRAR É VIVER

Em junho do ano passado, o governo Norueguês anunciou que cortaria aproximadamente R$ 200 milhões dos recurso repassados para o Fundo Amazônia, que se dedica à preservação ambiental. Pura falsidade. O governo norueguês é o maior acionista da Norsk Hydro e controla 34% das ações.

Não é de hoje que essa empresa vem agindo de maneira criminosa. Ela é alvo de quase 2 mil processos judiciais por contaminação de rios. Além disso, a empresa deve R$ 17 milhões de multas ao Ibama por conta de um vazamento ocorrido em 2009.

PRIVILÉGIOS

Alto escalão do Judiciário tem aposentadoria garantida por lei de 1890

O governo federal gasta R$ 36 milhões por ano com aposentadorias vitalícias de viúvas e filhas de 142 magistrados federais. São funcionários que ocuparam cargos no Supremo Tribunal Federal, no Supremo Tribunal de Justiça e no Superior Tribunal Militar. A aposentadoria é garantida por uma lei de 1890.

O fato foi revelado por uma investigação da Agência Pública. A investigação também revelou que a aposentadoria recebida por essas mulheres é igual ao atual salário dos Ministros, ou seja, R$ 33.763.

Entre as mulheres que recebem a aposentadoria, estão ex-esposas de ministros e juízes empossados pela ditadura militar. Esse é o caso de América Eloísa Ferreira Muñoz, que recebe a maior das aposentadorias. Ela foi casada com Pedro Soares Muñoz, ministro do STF indicado pelo ditador Ernesto Geisel. O valor bruto pago a ela é de R$ 79 mil. Algumas pessoas recebem a aposentadoria há mais de 40 anos.

Maria Lúcia Alckmin, prima de Geraldo Alckmin (PSDB), governador de São Paulo, é uma das privilegiadas. Ela é filha de José Geraldo Rodrigues de Alckmin, ministro do STF indicado pelo ditador Emílio Garrastazu Médici, morto em 1978. Os casos são muitos.

Segundo a apuração da Pública, ao todo, são 189 pensões pagas diretamente pelo Ministério da Fazenda. O privilégio é garantido por uma lei publicada em 1890, que criou o chamado "Montepio Obrigatório dos Empregados do Ministério da Fazenda", uma espécie de previdência para o funcionalismo.

O Tribunal de Contas da União (TCU) chegou a considerar ilegais as pensões, mas a decisão foi suspensa pelo ministro Edson Fachin, garantindo que as aposetadorias continuem sendo pagas.

DE BANDEJA

Guru econômico de Bolsonaro defende privatizar tudo

Paulo Guedes é o nome indicado por Jair Bolsonaro para preparar o plano econômico de sua candidatura. Em recente entrevista ao Valor Econômico (26/2), o economista revelou o plano de governo que prepara para Bolsonaro. O ponto central é um amplo programa de concessões e privatizações de estatais, capaz de arrecadar R$ 700 bilhões. A torra das empresas públicas tem o objetivo de arrecadar R$ 700 bilhões para pagar 20% da dívida pública federal, que está hoje em R$ 7,5 trilhões.

Pensou que o abatimento desse montante da dívida pode liberar mais dinheiro para saúde e educação? Pensou errado. O maior beneficiário do pagamento da dívida é o sistema financeiro. O pagamento anual de juros e amortizações devora quase 50% do Orçamento público.

As propostas do mentor de Bolsonaro já haviam sido expostas com menos requinte pelo próprio candidato no ano passado. Em busca de apoio para sua candidatura, Bolsonaro foi aos Estados Unidos e prometeu privatizar todas as empresas estatais, acabar com a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) e reduzir ainda mais os impostos para empresários. Disse para os gringos: *"O Estado deve fazer tudo que puder para servir aos interesses financeiros da classe empresarial, pois o empresário tem seu sangue sugado pelo governo."*

MULHERES

Por emprego, creche e contra a retirada de direitos

Durante todo o mês de março, costumam acontecer atividades para lembrar o Dia Internacional de Luta das Mulheres Trabalhadoras. E não faltam motivos para lembrar essa data. A desigualdade de gênero, longe de diminuir, aumenta cada vez mais, e os ataques de governos e patrões atingem toda a classe trabalhadora. Porém são as mulheres que mais sofrem as consequências.

SECRETARIA DE MULHERES DO PSTU

Na sociedade capitalista, as palavras mulher, discriminação e pobreza andam intimamente ligadas. Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), 70% dos pobres do mundo são mulheres, e um dos principais fatores para a pobreza feminina é a discriminação.

As mulheres têm menos acesso a meios de produção e subsistência, como terra, crédito etc. Do mesmo modo, são as principais vítimas do desemprego e do subemprego e, em média, recebem salários mais baixos que os homens. Muitas vezes, o trabalho sequer é remunerado.

A crise econômica agrava esse quadro, e são as mulheres imigrantes e refugiadas as mais atingidas por essa situação. No entanto, a saída que a burguesia oferece para a crise é com mais ataques aos direitos das trabalhadoras e piora das nossas condições de vida.

REVOGAÇÃO DA REFORMA TRABALHISTA JÁ

No Brasil, um mês após a reforma trabalhista entrar em vigor, 12,3 mil postos de trabalho foram fechados. Os poucos postos de trabalho formal abertos em 2017 contrataram principalmente homens brancos. Enquanto isso, para as mulheres e para a população negra, restaram o desemprego e a informalidade. Ao mesmo tempo, para as mulheres, houve 42,5 mil demissões a mais do que contratações. Para os homens, o saldo foi positivo, ficou em 21,6 mil contratações a mais do que demissões.

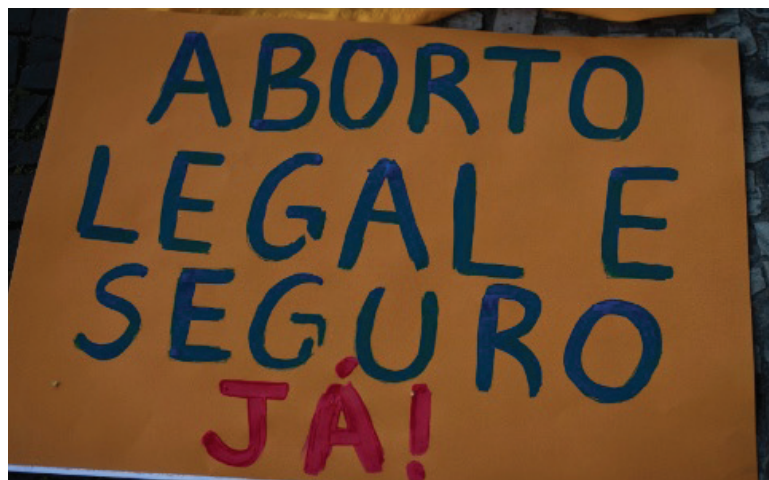
A atribuição do cuidado com os filhos às mulheres e a falta de creches para que as mães trabalhadoras possam buscar emprego ou trabalhar contribuem para o aumento do desemprego feminino. Não por acaso, 48% das mães ficam desempregadas no primeiro ano após o parto. Isso é consequência do machismo, que atribui à mulher quase que exclusivamente o dever de cuidar dos filhos.

O déficit de creches agrava esse quadro. Menos de um quarto (25%) das crianças entre 0 e 4 anos tem acesso a creches. As mulheres que não podem pagar por uma creche privada terminam submetidas ao desemprego, ao subemprego ou tendo de deixar seus filhos sob cuidados precários para poder seguir trabalhando.

NÃO À PEC 181

Pela descriminalização e legalização do aborto

O mesmo Estado que não garante condições para as mulheres exercerem a maternidade condena e criminaliza as mulheres que abortam. Estima-se que um milhão de abortos são realizados por ano no país, o que tem como consequência sequelas ou morte de um número absurdo de mulheres trabalhadoras.

Ainda por cima, querem acabar de vez com qualquer possibilidade de aborto legalizado no Brasil. Temos o direito de decidir sobre o nosso corpo e, principalmente, temos o direito às nossas vidas. O acesso a cuidados de saúde, educação sexual e disponibilização de métodos contraceptivos são o caminho para, junto com a descriminalização e legalização do aborto, proteger a vida das mulheres.

SOCIALISMO

Por uma sociedade sem exploração e sem desigualdade

Não existe forma de acabar com a desigualdade de gênero no capitalismo, porque esse sistema se alimenta disso para aumentar a exploração e ampliar seus lucros. Por isso, só o fim da exploração capitalista e a construção de uma sociedade sem exploradores e explorados, uma sociedade socialista, pode assegurar as condições para a verdadeira igualdade entre mulheres e homens.